

Universidades Lusíada

Cardoso, Catarina Rafaela de Almeida, 1999-

Os estilos parentais, a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes

<http://hdl.handle.net/11067/7948>

Metadados

Data de Publicação

2024

Resumo

Este estudo pretende investigar a relação entre os estilos parentais, a autoestima e autoeficácia na adolescência. Os estilos parentais compreendem-se como um conjunto de atitudes e comportamentos contínuos, adotados pelos pais ao longo do tempo, que refletem em grande parte, os valores que os pais consideram importantes e que querem transmitir aos filhos através das suas práticas parentais. Assim, o objetivo principal deste estudo é compreender de que forma é que os estilos parentais se relacio...

This study aims at investigating the relationship between parenting styles, self-esteem, and self-efficacy in adolescence. Parenting styles are understood as a set of continuous attitudes and behaviors adopted by parents over time, which largely reflect the values that parents consider important and want to transmit to their children through their parenting practices. The main objective of this study is to understand whether parenting styles are associated adolescents' self-esteem and self-effic...

Palavras Chave

Pais e jovens - Portugal, Parentalidade - Portugal, Auto-estima na juventude - Portugal, Auto-eficácia - Portugal

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-04-19T06:52:34Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**Os estilos parentais,
a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes**

Realizado por:
Catarina Rafaela de Almeida Cardoso

Orientado por:
Professor Doutor Miguel da Costa Nunes de Freitas

Constituição do Júri:

Presidente:	Professora Doutora Túlía Rute Maia Cabrita
Orientador:	Professor Doutor Miguel da Costa Nunes de Freitas
Arguente:	Professora Doutora Rita Alexandra Rosa Antunes

Dissertação aprovada em: 14 de março de 2025

Lisboa

2024



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

I N S T I T U T O D E P S I C O L O G I A E C I Ê N C I A S D A E D U C A Ç ã O

Mestrado em Psicologia Clínica

**Os estilos parentais,
a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes**

Catarina Rafaela de Almeida Cardoso

Lisboa

Julho 2024



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

I N S T I T U T O D E P S I C O L O G I A E C I Ê N C I A S D A E D U C A Ç ã O

Mestrado em Psicologia Clínica

**Os estilos parentais,
a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes**

Catarina Rafaela de Almeida Cardoso

Lisboa

Julho 2024

Catarina Rafaela de Almeida Cardoso

Os estilos parentais, a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Doutor Miguel da Costa Nunes de Freitas

Lisboa

Julho 2024

FICHA TÉCNICA

Autora Catarina Rafaela de Almeida Cardoso
Orientador Prof. Doutor Miguel da Costa Nunes de Freitas
Título Os estilos parentais, a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes
Local Lisboa
Ano 2024

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

CARDOSO, Catarina Rafaela de Almeida, 1999-

Os estilos parentais, a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes / Catarina Rafaela de Almeida Cardoso ; orientado por Miguel da Costa Nunes de Freitas. - Lisboa : [s.n.], 2024. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - FREITAS, Miguel da Costa Nunes de, 1981-

LCSH

1. Pais e adolescentes - Portugal
2. Parentalidade - Portugal
3. Autoestima na adolescência - Portugal
4. Autoeficácia - Portugal
5. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Parent and teenager - Portugal
2. Parenthood - Portugal
3. Self-esteem in adolescence - Portugal
4. Self-efficacy - Portugal
5. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations
6. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ799.15.C37 2024

Agradecimentos

Gostaria de começar por agradecer a todas as pessoas que contribuíram e me ajudaram a chegar até aqui, cada um desempenhou um papel crucial neste processo.

Começo por deixar um agradecimento ao meu orientador, professor Miguel Freitas, por toda a experiência, compreensão e conhecimento partilhados, e pela sua orientação ao longo destes meses. Obrigada, professor.

Agradeço, em especial, aos meus pais. Por me terem proporcionado a possibilidade de estudar e por se terem sacrificado em prole de seguir o curso que sempre quis. Por estarem sempre presentes tanto nos bons, como nos maus momentos e por acreditarem sempre em mim, mesmo quando eu não acreditava. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida. Amo-vos e dedico-vos todas as minhas conquistas, em especial, esta. Obrigada por tudo.

Ao meu avô, que apesar de não estar cá fisicamente e de ter partido recentemente, é uma eterna inspiração para mim. Obrigada avô, espero que fiques orgulhoso.

À minha melhor amiga de longa data Viviana, um grande obrigada. Sempre me motivaste com palavras amigas, limpaste-me as lágrimas inúmeras vezes e deste-me forças para nunca desistir, mesmo enquanto também passavas por este processo.

À Susana, sou imensamente grata, por toda a paciência, compreensão, dedicação e empenho que demonstraste para me ajudar, obrigada por tudo.

Às minhas amigas do trabalho, que muitas vezes ouviram os meus desabafos e disseram que eu ia conseguir, foram um refúgio para mim, nos momentos em que precisei de me distrair.

Às minha amigas do secundário, que cresceram comigo ao longo dos anos, mesmo com a distância do dia a dia, obrigada pela amizade constante.

A todos os docentes e colegas que tive oportunidade de conhecer e que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem ao longo desta caminhada.

O percurso é desafiante, mas com as pessoas certas ao nosso lado, certamente que fica mais fácil.

Resumo

Este estudo pretende investigar a relação entre os estilos parentais, a autoestima e autoeficácia na adolescência. Os estilos parentais compreendem-se como um conjunto de atitudes e comportamentos contínuos, adotados pelos pais ao longo do tempo, que refletem em grande parte, os valores que os pais consideram importantes e que querem transmitir aos filhos através das suas práticas parentais. Assim, o objetivo principal deste estudo é compreender de que forma é que os estilos parentais se relacionam com a autoestima e na autoeficácia dos adolescentes. Para a realização desta investigação, a amostra foi constituída por 94 adolescentes portugueses, sendo destes 47 do sexo feminino e outros 47 do sexo masculino. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico para fornecer informações e dados importantes relativamente às características da amostra, ao EMBU-MI para avaliar a sua perceção relativamente às práticas dos seus pais, à Escala de Autoestima de Rosenberg para avaliar a autoestima e por último, à Escala de Autoeficácia Geral (GSE) para avaliar a autoeficácia dos adolescentes.

Palavras-Chave: Estilos Parentais; Adolescentes; Autoestima; Autoeficácia

Abstract

This study aims at investigating the relationship between parenting styles, self-esteem, and self-efficacy in adolescence. Parenting styles are understood as a set of continuous attitudes and behaviors adopted by parents over time, which largely reflect the values that parents consider important and want to transmit to their children through their parenting practices. The main objective of this study is to understand whether parenting styles are associated adolescents' self-esteem and self-efficacy. For this study, the sample consisted of 94 Portuguese adolescents, 47 of whom were female and 47 were male. Participants completed a sociodemographic questionnaire to provide important information and data regarding sample characteristics, the EMBU-MI to report their perceptions of parental practices, the Rosenberg Self-Esteem scale to assess self-esteem, and finally, the General Self-Efficacy Scale (GSE) to assess adolescents' self-efficacy.

Key-Words: Parenting Styles; Adolescents; Self-Esteem; Self-Efficacy

Índice de tabelas

Tabela 1 - Caracterização da Amostra.....	39
Tabela 2 - Estatística Descritiva Referente às Variáveis em Estudo	48
Tabela 3 - Diferenças de Médias das Dimensões na Parentalidade.....	50
Tabela 4 - Diferença de Médias das Dimensões de Parentalidade em Função do Sexo	51
Tabela 5 - Diferenças na Autoestima e na Autoeficácia em Função do Sexo do Adolescente	51
Tabela 6 - Coeficientes de Correlação de Pearson Entre as Variáveis do Estudo.....	52
Tabela 7 - Resumo do Modelo	53
Tabela 8 - Preditores da Autoestima.....	54
Tabela 9 - Resumo do Modelo	55
Tabela 10 - Preditores da Autoeficácia Geral.....	55

Lista de abreviaturas

EMBU – MI - Egna Minnen Beträffande Uppfostran

GSE - General Self efficacy Scale

RSES - Rosenberg Self-Esteem Scale

M - Média

DP – Desvio padrão

t – Teste t-student

p - Correlação de Pearson

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

OMS – Organização Mundial da Saúde

Índice

Abstract.....	IX
Índice de tabelas	XI
Lista de abreviaturas	XIII
Introdução	1
Enquadramento Teórico	3
Adolescência	3
A Construção da Identidade.....	4
Parentalidade.....	6
Dimensões da Parentalidade	9
Estilos Parentais.....	11
Práticas Parentais	16
Diferenças na Parentalidade.....	21
Autoestima nos adolescentes	23
Estilos Parentais e Autoestima nos Adolescentes.....	26
Autoeficácia nos adolescentes	29
Estilos Parentais e Autoeficácia nos Adolescentes.....	31
Estilos e Práticas Parentais, Autoestima e Autoeficácia nos Adolescentes	33
Objetivos.....	37
Método.....	39
Participantes.....	39
Instrumentos.....	40
Procedimento	45
Resultados.....	47
Plano de Análise de Dados	47
Discussão	57
Conclusão	67
Referências	69
Anexos	99
Lista de anexos	101

Introdução

A fase da adolescência pode ser desafiante, tanto para os pais como para os filhos, por isso, é especialmente importante compreender a relevância de manter uma parentalidade de qualidade, sendo que a família funciona como promotor do desenvolvimento da criança e do adolescente, influenciando o seu bem estar e tendo um impacto duradouro nos comportamentos que se manifestam na vida adulta (Hoskins, 2014). Nesse âmbito, a parentalidade envolve um conjunto complexo de papéis e responsabilidades que os pais assumem na criação e no cuidado dos filhos, sendo que alguns estudos indicam que há diferenças significativas entre ser pai e mãe, bem como na maneira como estes abordam a parentalidade (Strey, 2005). Neste sentido, os estudos que analisam os estilos parentais das mães e dos pais indicam que ambos desempenham papéis distintos na socialização dos seus filhos (Laible & Carlo, 2004; Sim, 2003). Os estilos parentais têm um impacto significativo no autoconceito e na autoconfiança do adolescente, influenciando também no seu nível de aspiração. Durante a adolescência, uma fase frequentemente descrita como sendo de caos e confusão, os jovens procuram definir a sua identidade e estabelecer objetivos. Para que consigam definir e alcançar metas realistas com autoconfiança, é essencial que os pais adotem um estilo parental positivo, promovendo a confiança do adolescente na sua identidade e papel (Bashir, 2020). Na psicologia, a autoestima é a avaliação que uma pessoa faz do seu próprio valor (Knox & Schacht, 2012). Neste sentido, o ambiente familiar moldado por diferentes estilos parentais pode influenciar o nível de autoestima do indivíduo, sendo a autoestima definida como a confiança nas próprias capacidades para planejar e realizar ações necessárias para atingir determinados objetivos (Bandura, 1997). Uma baixa autoestima refere-se ao sentimento de sentir-se indigno ou inadequado (Rosenberg, 1979). Estes sentimentos podem resultar numa sensação de incompetência ou incapacidade para lidar

com os desafios da vida e consequentemente diminuem a autoeficácia geral. Já indivíduos com uma autoestima mais alta, podem esperar alcançar os seus objetivos e atribuir isso às suas próprias capacidades (Zimmerman & Cleary, 2005). Desta forma, quando os pais motivam os seus filhos e mostram confiança nas suas capacidades, estes empenham-se mais para alcançar o sucesso e manter esse esforço. Por outro lado, se os pais limitam a confiança nos adolescentes, é provável que estes adotem crenças menos eficazes (Bandura, 1997).

Neste sentido, a realização deste trabalho tem como objetivo principal compreender a relação entre os estilos parentais, a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes.

Especificamente pretendemos: 1) Explorar se existe coerência entre mãe e pai nas dimensões parentais de suporte emocional, rejeição e sobreproteção; 2) Explorar se as dimensões da parentalidade diferem em função do sexo do adolescente; 3) Compreender a relação entre a autoestima e autoeficácia nos adolescentes; 4) Explorar se existem diferenças de sexo na autoestima e autoeficácia dos adolescentes; e 5) Compreender a relação entre suporte emocional, rejeição e sobreproteção na autoestima e autoeficácia dos adolescentes; particularmente, se esta relação é moderada pelo sexo dos adolescentes.

Enquadramento Teórico

Adolescência

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS,2009) a adolescência é caracterizada como uma fase biopsicossocial que ocorre entre os 10 e os 19 anos. Durante este período, ocorrem uma série de mudanças fisiológicas, psicológicas e ambientais acompanhadas pela transição de papéis sociais na vida do adolescente. Neste sentido, a adolescência é um período de transição marcado por mudanças significativas não só a nível físico, mas também social, cognitivo e especialmente, na formação da sua própria identidade. Em resposta a estas mudanças, alguns adolescentes podem desenvolver independência e autonomia em relação aos seus pais, enquanto outros podem enfrentar dificuldades em tomar decisões por si próprios, influenciado na sua capacidade de autodeterminação (Fleming, 2005; Spear & Kulbok, 2004). Durante este período de transição da infância para a vida adulta, os jovens começam a integrar-se na vida social dos adultos, podendo resultar em comportamentos contraditórios, entre querer ser autónomo e independente, ao mesmo tempo que continuam a recorrer à ajuda dos pais para diversas tarefas (Ferreira & Nelas, 2006; Marcelli & Braconnier, 2007; Sawyer et al, 2018). Neste sentido, Erickson & Egeland (1987) ressaltam a importância dos adolescentes sentirem segurança diante das transformações físicas e psicológicas características deste período de construção da identidade. Este processo de procura pela identidade manifesta-se nas seguintes questões como: “Como sou diferente dos meus pais?” “Quem sou eu?”, “O que quero ser?”. Ao responder a estas questões, o adolescente pretende encontrar o seu papel na sociedade.

A Construção da Identidade

Segundo Erikson (1968) um dos principais desafios ao longo do desenvolvimento na adolescência assenta na construção da identidade pessoal, na procura e compreensão de um sentido coerente de si mesmo, na superação da controvérsia das crises relacionadas à identidade e em encontrar um ambiente social onde os adolescentes se sintam integrados e capazes de criar relações significativas (Chen, Lay, Wu & Yao, 2007). Por outro lado, Stryker (1968; cit. Adamsons & Pasley, 2013) desenvolveu uma teoria de identidade que se centra na integração, por parte do indivíduo e das expectativas sociais associadas a determinados cargos ou posições (e.g. progenitor, cônjuge ou empregado), bem como das expectativas comportamentais associadas a tais estatutos. Apesar disso, alguns autores na literatura destacam que o desenvolvimento e a maturação da identidade resultam do comprometimento dos indivíduos com papéis sociais que exigem o seu envolvimento em comportamentos maduros e socialmente responsáveis (Bosma & Kunnen, 2008; Marcia, 1966; Waterman, 1982).

Marcia (1966) descreve quatro estágios referentes à identidade, nomeadamente a conquista da identidade onde os adolescentes se comprometem com os seus objetivos e metas. A fase moratória, que é um período geralmente marcado por incertezas em que o jovem explora opções e alternativas. A exclusão de identidade, onde existe pouca exploração por parte do adolescente e onde este normalmente aceita os valores e normas tradicionais sem definir os seus princípios. E por último, a difusão de identidade, marcada por um período de crise de identidade associada à desorganização, evitação de questões e falta de comprometimento com planos futuros.

No entanto, ao falarmos de construção de identidade, são vários os fatores que podem ter impacto no desenvolvimento do adolescente, começando pela influência da

personalidade. De acordo com Berzonsky e colaboradores (2011), adolescentes que são conformistas e obedientes e que assumem que a verdade absoluta é sempre atingível tendem a ser excluídos enquanto aqueles que são autoindulgentes e céticos quanto à certeza absoluta tendem a apresentar uma identidade mais difusa. Por outro lado, adolescentes que demonstram curiosidade e mente aberta, bem como capacidade de utilizar critérios racionais na tomada de decisões tem maior probabilidade de estar num estado de exploração ou de conquista de identidade.

Posto isto, o desenvolvimento e formação da identidade ocorrem num contexto de relações próximas, nomeadamente na relação com a família e com os pares, sendo que a identidade não se limita apenas à continuidade do próprio eu, mas integra também a imagem percebida pelos outros significativos. Desta forma, as interações entre os pares, amigos e familiares têm um papel crucial no processo de consolidação e compreensão do adolescente na sua própria identidade (Grotevant & Cooper, 1985; Koepke & Denissen, 2012). A relação com os pares é igualmente importante no contexto de construção da identidade, uma vez que estes desempenham um papel fundamental no processo de socialização (Osher et al., 2020). Seja na sala de aula, na escola ou na comunidade, os pares exercem influência uns sobre os outros através da aprendizagem social, dos efeitos do grupo de referência e da pressão dos pares em grupo, sendo que estas interações moldam as perceções dos adolescentes de si mesmos, sobre o mundo ao redor e sobre as normas sociais. Desta forma, a interação com os pares desempenha um papel crucial na formação da identidade individual e no desenvolvimento da autonomia e do autoconceito (Snyder et al., 2012). Rageliene (2016) reforça igualmente que a interação do adolescente com os pares, bem como a sua integração num grupo podem criar um ambiente propício e favorável ao desenvolvimento da identidade através de interações com base na aceitação e no respeito mútuo.

Em seguimento desta ideia, outro contexto relevante na construção da identidade do adolescente é a família, bem como a relação entre pais e adolescentes (Kroger & Marcia, 2011). Vários estudos têm observado que o papel da família é fundamental, uma vez que um ambiente familiar mais positivo está associado a uma maior consolidação da identidade do adolescente bem como a um maior comprometimento e exploração mais profunda da identidade (Albert Sznitman et al., 2019). Nesse sentido, muitos investigadores basearam-se na teoria da vinculação (Bowlby, 1988) que enfatiza a importância de um vínculo seguro com os pais para que possa haver uma exploração confiante da identidade. Desta forma, ao terem uma base parental segura, espera-se que os adolescentes estabeleçam boas relações com os outros enquanto exploram confiantemente a sua própria identidade e desenvolvem a capacidade de lidar com dificuldades e desafios (Bartholomew & Horowitz, 1991). Neste sentido, a influência familiar é descrita como um fator indispensável à construção da identidade, uma vez que o ambiente familiar, bem como as pessoas ao seu redor, exercem uma influência significativa sobre o adolescente, sendo que a falta de integração neste contexto pode resultar na difusão de identidade e na dificuldade em assumir compromissos (Rana & Shirali, 2010).

Parentalidade

A parentalidade é um conceito que começou a ser utilizado na literatura para se referir ao processo e construção da relação entre pais e filhos (Zornig, 2010). Tobach e Schneirla (1968) descrevem a parentalidade como um fenómeno complexo que abrange aspetos tanto biológicos quanto sociais, que não se limita apenas à provisão das necessidades básicas como a alimentação e segurança por parte dos pais. Assim sendo,

trata-se de um processo complexo que envolve interações bidirecionais entre membros de diferentes gerações, que se estendem ao longo da vida e da educação, reconhecendo a influência de fatores ambientais e culturais na criação dos filhos (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Ford & Lerner, 1992). Na perspectiva ecológico-cultural de Ogbu (1995) baseada em estudos antropológicos sobre os objetivos parentais, a cultura exerce influência sobre o comportamento dos pais, determinando as competências parentais. Desta forma, é perceptível que a forma como os pais se comportam é influenciada pela cultura (Benito-Gomez et al., 2020) e que culturas distintas valorizam padrões de parentalidade específicos que são transmitidos ao longo das gerações (Rothenberg et al., 2021).

Horn e colaboradores (2020) identificam igualmente a presença de outros elementos que influenciam a parentalidade, nomeadamente a personalidade dos pais, o nível socioeconómico, a presença/ausência de perturbação mental, além de características específicas dos filhos, como por exemplo, o temperamento, sexo e idade. Além do mais, as características individuais do casal parental desempenham um papel crucial na formação da parentalidade, uma vez que as suas histórias e experiências pessoais, bem como as suas visões sobre a paternidade e maternidade tornam-se relevantes durante a transição do processo de parentalidade (Bydlowski, 2010). No que toca à experiência da parentalidade, esta é geralmente vista pela maioria dos pais como recompensadora, contudo, representa igualmente uma das fases mais desafiantes e exigentes da vida adulta, associada a grandes desafios emocionais, físicos e intelectuais (Coleman & Karraker, 1998). Por outro lado, existe uma minoria com uma visão e perceção negativa da sua experiência, na qual se sentem sobrecarregados pela responsabilidade e pelo trabalho envolvidos, mostrando pouca disponibilidade psicológica e desânimo na parentalidade (Egeland & Erickson, 1987; Mrazek, 1993; Pianta, Egeland, & Erickson,

1989). Deste modo, a parentalidade caracteriza-se por ser um dos maiores desafios da vida adulta, na qual os pais geralmente pretendem não só exercer uma influência positiva na vida dos filhos, como também aprimorar as suas competências para lidar com os desafios inerentes a esta fase (Bornstein, 2007). Em seguimento desta ideia, surge o conceito de parentalidade positiva, que prioriza o bem-estar e interesse da criança, através de uma abordagem baseada no respeito pelos direitos, no atendimento das necessidades básicas e na proteção de riscos através de um clima que proporcione um desenvolvimento saudável e que valorize a sua individualidade e autonomia (Council of Europe, 2008). Este conceito de parentalidade abrange cinco dimensões: primeiramente atender às necessidades físicas; em segundo lugar, priorizar a segurança com base na proteção da saúde e cuidados na doença; em terceiro lugar, promover e estimular comportamentos benéficos ao desenvolvimento; em quarto, promover uma comunicação positiva; e, por último, priorizar uma disciplina positiva e construtiva (Council of Europe, 2008).

Houzel (2004) destaca igualmente três pilares fundamentais da parentalidade, nomeadamente, o exercício, a experiência e a prática da parentalidade. O exercício remete para o papel dos pais na transmissão dos direitos e responsabilidades que estruturam os laços familiares, de filiação e de identificação bem como na transmissão de regras e normas essenciais estruturantes para o indivíduo. A experiência relaciona-se com o desenvolvimento da parentalidade, bem como ao cumprimento das funções parentais associadas ao processo da parentalidade, envolvendo os processos conscientes e inconscientes associados à transição desta fase. Por último, as práticas da parentalidade, que abrangem os comportamentos e interações dos pais para com os filhos, bem como os cuidados físicos e psicológicos associados (Zornig, 2010).

Deste modo, as práticas parentais são descritas como ações tangíveis que os progenitores adotam ao longo das suas interações com os filhos, refletindo desta forma padrões contínuos associados aos estilos parentais, desenvolvidos ao longo do tempo (Darling & Steinberg, 1993). Consequentemente, considera-se que os estilos parentais estabelecem alicerces para um impacto positivo e benéfico ao longo do desenvolvimento e compreendê-los pode ajudar os pais a enfrentar desafios típicos do período de desenvolvimento da adolescência (Kopko, 2007). Desta forma, é fundamental entender a importância de uma parentalidade de qualidade, bem como das dimensões a ela associadas, uma vez que a mesma influencia o desenvolvimento ao longo da vida e continuará a impactar os comportamentos na vida adulta (Hoskins, 2014).

Dimensões da Parentalidade

Baseando-se nas propostas de Bronfenbrenner (1979) e nos resultados das suas investigações, Belsky (1984) e Hoghughi (2004) fundamentaram um modelo integrativo com algumas dimensões da parentalidade associadas. De acordo com este modelo, a parentalidade é categorizada em três áreas: Nas atividades parentais (compreendendo os elementos essenciais para assegurar um nível de parentalidade adequado), nos pré-requisitos (conjunto de características importantes para a prática e evolução da função parental) e áreas funcionais (representando os aspetos fundamentais relacionados da criança). Nas atividades parentais destacam-se algumas dimensões proeminentes que incluem a disciplina, o cuidado e promoção do desenvolvimento, que visam assegurar as necessidades da criança e fornecer ferramentas que ajudem ao longo da vida do mesmo (Bradley, 2007; Maccoby, 2000).

A dimensão do cuidado manifesta-se de diversas formas, seja a nível físico, emocional ou social. A nível físico, expressa-se através da garantia dos cuidados básicos como alimentação, sono, hábitos de higiene (O'Connor, 2006). A nível emocional, expressa-se através do cuidado, garantindo-se que a criança cresce com a percepção de que é valorizada e apreciada e simultaneamente capaz de fazer as suas próprias escolhas. Por último a nível social, em que o intuito é que a criança se sinta socialmente integrada ao longo do seu desenvolvimento, no seu ambiente e nas suas relações com os outros (Hoghughi, 2004). Ainda de acordo com Hoghughi (2004) para garantir que um bom desenvolvimento parental ocorra, são necessárias algumas componentes interligadas entre si, como o conhecimento, compreensão e motivação (os pais canalizam os seus conhecimentos e esforços para ajudar o filho), os recursos (desde recursos económicos ou uma rede de suporte social como avós, vizinhos e amigos que auxiliem o desenvolvimento) e as oportunidades (tempo para estar presente).

A nível das dimensões parentais, a dimensão de suporte emocional manifesta-se geralmente através de um comportamento carinhoso e responsivo, expressado através do afeto e do reforço positivo, bem como sensibilidade e responsividade adaptadas às necessidades dos filhos, em oposição à presença de rejeição e criticismo (Canavarro, 1996). Cummings et al. (2000) acrescentam igualmente que esta dimensão desempenha um papel crucial na natureza afetiva da relação entre pais e filho, evidenciando-se através de fatores como o envolvimento, aceitação e disponibilidade emocional, afeto e responsividade, sendo que o suporte emocional está associado a resultados positivos no desenvolvimento e na prevenção de comportamentos desviantes como abuso de álcool (Barnes & Farrell, 1992), depressão e delinquência (Bean et al., 2006) bem como a problemas externalizantes de comportamento (Shaw et al. 1994).

Em contraste, temos a dimensão da rejeição. Segundo a definição de Rollins e Thomas (1979), a rejeição relaciona-se e é compreendida como comportamentos adotados pelos pais com intenção de mudar o comportamento ou a vontade do filho de acordo com os seus desejos, rejeitando-o desta forma como indivíduo, através de uma variedade de comportamentos prejudiciais que podem ser físicos, psicológicos ou simbólicos, como punições físicas ou verbais, retirada de objetos e privilégios ou uso direto de força. Desta forma, a existência destes comportamentos hostis geralmente demonstra ou clarifica a presença de rejeição, coerção ou controlo psicológico (Skinner et al., 2005). Nesse sentido, algumas práticas que caracterizam a dimensão da rejeição têm sido associadas a uma maior probabilidade de sintomas de saúde mental na infância e na adolescência (Rowe et al., 2015).

Por último, a sobreproteção está geralmente associada a comportamentos parentais caracterizados por uma preocupação excessiva, suscetível de gerar altos níveis de stress para os filhos (Canavarro, 1999) — por exemplo, intromissão nas atividades dos mesmos, expectativas elevadas e padrões rigorosos de desempenho, bem como a imposição extrema de regras por parte dos pais. Van Petegem e colaboradores (2020) acrescentam igualmente que a sobreproteção pode ser experienciada como intrusiva, limitando desta forma a independência e a necessidade de autonomia. Yap e colaboradores (2014) complementam esta perspetiva, indicando que a sobreproteção parental não só interfere na autonomia normativa própria da idade, mas gera igualmente uma dependência excessiva dos filhos em relação aos pais.

Estilos Parentais

Os estilos parentais compreendem-se como um conjunto de atitudes e comportamentos contínuos adotados pelos pais ao longo do tempo, estabelecidos num ambiente de

interação entre pais e filhos, influenciando o desenvolvimento das relações familiares em diversos contextos e situações. Estes refletem em grande parte, os valores que os pais consideram importantes e que querem transmitir aos filhos através das suas práticas educativas (Darling & Steinberg, 1993; Mize & Pettit, 1997). Ao estudarem a parentalidade, vários autores ressaltaram que a combinação particular de práticas parentais implementadas por um progenitor influencia o desenvolvimento da criança e do adolescente significativamente mais do que as práticas ou dimensões parentais isoladas (Baumrind, 1991; Maccoby & Martin, 1983). Assim, de acordo com esta abordagem configuracional, observa-se quais são os padrões de práticas parentais presentes nos pais e como esses padrões, comumente denominados de estilos parentais, influenciam ou se relacionam com o desenvolvimento dos mesmos (Magnusson, 1998). Embora intimamente relacionados, os estilos e as práticas parentais são conceitos distintos (Darling & Steinberg, 1993), sendo que os estilos parentais são considerados mais amplos e consistentes ao longo do tempo, enquanto as práticas parentais variam conforme os valores e objetivos dos pais definindo-se pelas suas atitudes (Miguel et al., 2009). Ao falarmos de estilos parentais, é essencial mencionar o trabalho de Baumrind (1971, 1991), uma vez que a autora e psicóloga clínica foi pioneira neste tema e desempenhou um papel significativo na ampliação e compreensão destes conceitos. Na década de 1960, Baumrind (1966) classificou e distinguiu grande parte da sua pesquisa na tipologia de três estilos parentais: o estilo autoritário, o estilo autoritativo e o estilo permissivo-indulgente. Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) tentaram unir a ideia de Baumrind, propondo um modelo que localiza esses estilos parentais em duas dimensões parentais subjacentes nomeadamente: A exigência (*demandiness*) associada ao grau em que os pais exigem responsabilidade e maturidade dos filhos bem como controlo e disciplina. Depois, a dimensão de responsividade (*responsiveness*) que se caracteriza

pela tendência dos pais em fornecer afeto, apoio emocional, aceitação e uma resposta positiva às necessidades dos seus filhos. Assim sendo, Maccoby e Martin (1983) definiram o estilo autoritário (com alta exigência e baixa responsividade), o estilo autoritativo (com alta exigência e alta responsividade) o estilo permissivo-indulgente (com baixa exigência e alta responsividade) e mais tarde definiram um quarto estilo parental nomeado de negligente, caracterizado por uma combinação de baixa exigência e baixa responsividade (Soenens et al., 2019).

Começando pelo estilo autoritário, Baumrind (1971) sugeriu que os pais autoritários procuram moldar, controlar e avaliar o comportamento dos seus filhos com base num conjunto de padrões absolutos. Este estilo é geralmente caracterizado por pais que enfatizam a obediência e autoridade e que esperam que as regras sejam obedecidas sem o questionamento dos filhos (Baumrind et al., 2010). Os pais autoritários geralmente demonstram pouca confiança e envolvimento com o seu filho, tendem a desencorajar a comunicação aberta e o diálogo na relação, dando uma grande ênfase às regras e normas, onde exercem maioritariamente um controlo rigoroso adotando uma abordagem que enfatiza a punição e restrição (Maccoby & Martin, 1983). Segundo a literatura, crianças que são criadas por pais autoritários adotam e replicam frequentemente comportamentos autoritários, tanto nas suas relações interpessoais como mais tarde, quando se tornam pais (Savitha & Venkatachalam, 2016). Deste modo, algumas práticas comuns nos pais autoritários baseiam-se na afirmação de poder, como ameaças e ordens, uso de força física e retirada de afeto (Zupancic et al., 2004). Neste sentido, os pais que adotam uma abordagem autoritária tendem a definir normas rigorosas e diretrizes claras, nas quais esperam obediência absoluta por parte dos filhos (Berg, 2011). Consequentemente, vários estudos observaram que o estilo autoritário está associado a resultados negativos no desenvolvimento, como comportamentos

problemáticos (e.g. agressividade e violência) e a desenvolvimento de sintomas e problemas como ansiedade e despersonalização (Hoeve et al., 2008; Steinberg et al., 1994; Williams et al., 2009; Wolfradt et al., 2003)

Já no estilo autoritativo, os pais mantêm um controlo firme e demonstram afeto em simultâneo, promovendo a autonomia e individualidade dos filhos (Baumrind, 1991). Geralmente, este estilo parental é marcado por um relacionamento afetivo e próximo com os filhos, onde há uma comunicação lógica e uma abordagem acessível por parte dos pais. Os pais autoritativos também costumam demonstrar orientação parental e um incentivo positivo, promovendo a autonomia, a autossuficiência e o autocontrolo (Lavrič & Naterer, 2020). Baumrind (1991) observou igualmente que o estilo autoritativo é caracterizado por ser alto tanto em responsividade quanto em exigência, oferecendo não apenas apoio emocional e afeto, mas também estabelecendo regras claras e disciplina de forma consistente. Desta forma, a parentalidade autoritativa caracteriza-se por ser um estilo mais flexível em que os pais permitem aos seus filhos uma liberdade considerável, mas são prudentes com as restrições que impõem e assegurar-se-ão de que os filhos seguem as mesmas (Nyarko, 2011). Apesar disso, os estilos parentais autoritário e autoritativo apresentam semelhanças uma vez que ambos exibem um alto nível de controlo, mas diferem a nível do suporte fornecido (Baumrind, 1991). Desta forma, os pais autoritários exercem o seu controlo de forma direta e exigente, tentando dominar a maioria das interações e exigindo obediência, enquanto os pais autoritativos adotam uma abordagem assertiva, mas cooperativa, onde há suporte e espaço para que os filhos possam expressar as suas opiniões e perspetivas (Baumrind, 1978). Neste sentido, alguns estudos também demonstraram que, de modo geral, o estilo parental autoritativo está associado a uma maior coesão entre os pais e adolescentes (Nelson et al., 2011) além de menor incidência de conflitos (Stemana, 1995; McKinney

& Renk, 2011). Em contrapartida, observa-se que o estilo parental autoritário está associado a uma menor coesão e diminuição na união familiar, bem como a um aumento na frequência e intensidade de conflitos entre pais e adolescentes (Smetana, 1995; Sorkhabi & Middaugh, 2014).

Já o estilo parental permissivo ou indulgente, é caracterizado pela postura excessivamente tolerante dos pais em relação aos desejos e comportamentos das crianças, resultando na falta de imposição de restrições adequadas ao seu comportamento (Baumrind, 1971). Hoskins (2014) complementa igualmente que este estilo parental se destaca pela ausência de normas e regras, aceitação excessiva dos impulsos dos adolescentes e pela definição de padrões de comportamento irrealisticamente baixos, associados a uma baixa exigência e pouco controle de comportamento por parte dos pais. Além disso, os pais permissivos não assumem um papel ativo na mudança de comportamento dos filhos, mas são vistos como uma fonte de recurso que os adolescentes podem usar quando necessário. Ainda assim, apesar de não exercerem corretamente o seu poder, os pais permissivos podem manifestar comportamentos violentos quando perdem o controle da situação (Baumrind, 1971). Vários estudos concluíram igualmente que adolescentes de famílias permissivas apresentam uma maior frequência para um maior uso de substâncias, comportamento inadequado e desempenho negativo na escola em comparação a adolescentes de famílias autoritativas ou autoritárias (Querido et al., 2002).

Posteriormente, com base no trabalho de Maccoby e Martin, Baumrind (1991) expandiu a sua tipologia para um quarto estilo parental, denominado de estilo parental negligente. Os pais negligentes apresentam baixa exigência e baixa responsividade em relação aos filhos. Eles são desinteressados e geralmente vêem a sua responsabilidade parental associada apenas à provisão das necessidades básicas do filho, como alimentação e

vestuário, sendo que acabam muitas vezes por ignorar os papéis emocionais e sociais da sua função (Lamborn et al., 1991). Os pais negligentes e desinteressados mostram frequentemente falta de interesse nas suas obrigações e pouco envolvimento nas necessidades e atividades do filho, não impondo regras nem limites (Baumrind et al., 2010). Esta junção de fatores resulta frequentemente numa falta de conexão emocional na relação entre os pais e o adolescente, na medida em que adolescentes criados por pais negligentes tem mais tendência a ter comportamentos externalizantes (e.g.: vandalismo, roubo e agressividade) (Hoeve et al., 2009).

Assim, este estilo parental é marcado tanto pela falta de exigências como pela falta de resposta às necessidades dos filhos (Maccoby & Martin, 1983). No entanto, torna-se importante destacar algumas diferenças entre pais permissivos e pais negligentes. Segundo Baumrind (1966), os pais permissivos tendem a apresentar um nível mais alto de responsividade, o que os torna mais propensos a definir e determinar regras, fazendo com que o adolescente o considere como um recurso (Johnson & Kelley, 2011). Já com os pais negligentes isto é menos provável de acontecer, uma vez que estes demonstram um nível muito baixo de envolvimento e rigor com os seus filhos (Kremers et al., 2003). Desta forma, conclui-se que os pais permissivos podem caracterizar-se por exibir um baixo nível de exigência e um alto nível de responsividade (Hoskins, 2014), enquanto os pais negligentes não são nem responsivos, nem exigentes (Sarwar, 2016).

Práticas Parentais

As práticas parentais e os estilos parentais são conceitos distintos, embora interligados. Enquanto os estilos parentais referem-se a padrões consistentes e duradouros adotados pelos pais ao longo do tempo (Darling & Steinsberg, 1993), as práticas parentais dizem respeito às ações, comportamentos e regras utilizados pelos pais para orientar o comportamento dos seus filhos (Ryan et al., 2015). Nesse sentido, os estilos parentais

acabam por ser influenciados e moldados pelas atitudes e práticas educativas dos pais que acabam por representar e refletir a essência da dinâmica familiar, bem como do ambiente em que as práticas parentais se manifestam (Darling & Steinsberg, 1993). Desta forma, ao avaliarmos os estilos parentais não podemos dissociar das práticas parentais. Os estilos e as práticas parentais estão intimamente interligados, sendo as práticas parentais uma manifestação do estilo parental (Chao, 2000, Fletcher et al., 2008). Além do impacto que o estilo parental pode ter nas práticas dos pais, estudos anteriores demonstraram amplamente que o estilo parental também influencia os resultados de socialização das crianças e adolescentes. Portanto, a relação entre os três componentes do processo de socialização — estilo parental, prática parental e resultado na criança e adolescente — pode ser mais complexa do que se espera (Bao et al., 2007, Baumrind, 1991, Lamborn et al., 1991). Segundo a literatura, as práticas parentais negativas estão relacionadas a uma disciplina mais severa e inconsistente, enquanto as práticas parentais positivas estão ligadas ao afeto e apoio emocional, comunicação e uso de métodos disciplinares que envolvem controlo e aceitação (Hoskins, 2015; Hossain et al., 2015).

De acordo com a abordagem dimensional da parentalidade, Arrindell e Van der Ende (1984) identificaram no seu estudo três dimensões das práticas parentais: o suporte emocional, a rejeição e a sobreproteção. Segundo Rollins e Thomas (1979), a dimensão de suporte emocional caracteriza-se por práticas parentais que fazem os filhos sentirem-se confortáveis e aceites pelos pais. Entre essas práticas destacam-se os elogios, aprovação e encorajamento, ajuda e cooperação, bem como expressões de afeto e carinho. De acordo com a literatura, existem também associações positivas entre os níveis de calor parental e suporte no comportamento dos adolescentes. Afeto positivo (*warmth*) é definido como o grau de aceitação e amor que o adolescente recebe e é

frequentemente caracterizado pela disposição dos pais em ouvir atentamente o ponto de vista do filho, assim como a sua disponibilidade para ajudá-lo com algo importante (Maccoby & Martin, 1983). Vansteenskiste e Soenens (2015) reforçam igualmente que a base do suporte e apoio emocional no relacionamento entre os pais e filho é marcada pelo amor, carinho e o desejo genuíno de ajudar, sendo que pais que valorizam o relacionamento com os filhos preocupam-se profundamente com o seu bem-estar e apreciam passar tempo com eles (Deci & Ryan, 2014). Para além de serem atentos e responsivos na relação, os pais que proporcionam um alto nível de suporte tendem a ser calorosos e afetuosos. Esta afetuosidade pode manifestar-se emocionalmente, através de práticas e interações amigáveis, bem-humoradas e positivas, ou fisicamente como por exemplo, através de abraços, beijos ou gestos de carinho (Soenens et al., 2017).

Gulliford et al. (2015) e Reed et al. (2013) observaram igualmente que uma comunicação eficaz, juntamente com a utilização de estratégias construtivas para resolver conflitos e a demonstração de afeto, são práticas parentais positivas associadas ao envolvimento ativo dos pais no cuidado dos filhos. Tais práticas promovem resultados benéficos e adaptativos no desenvolvimento dos adolescentes. Segundo a literatura, Gomide (2003) propôs simultaneamente algumas práticas parentais relevantes no seu modelo de estilo parental, entre as quais destacou como positivas a atenção e o afeto despendidos, o acompanhamento das atividades escolares e de lazer, bem como o estabelecimento de regras, sendo que estas práticas demonstram envolvimento e comprometimento por parte dos progenitores. Por último, Steinberg (2001) complementa referindo que encorajar a autonomia dos adolescentes, bem como fornecer apoio emocional, reforço positivo e resolução de problemas (Darling & Steinberg, 1993) são práticas parentais positivamente correlacionadas à autoestima, autoeficácia e

abertura emocional, promovendo assim um impacto benéfico no desenvolvimento das competências interpessoais e na autopercepção e valorização do adolescente.

Relativamente à dimensão da rejeição, Rollins e Thomas (1979) descrevem-na como a manifestação de comportamentos dos pais que visam mudar a vontade dos filhos e que são sentidos pelos mesmos como uma rejeição de si próprio como indivíduo. A rejeição pode manifestar-se através de práticas como desaprovação, críticas, repreensão injusta ou punição dos pais (Rohner & Khaleque, 2010). Outros autores acrescentaram igualmente que a rejeição pode expressar-se primeiramente pela falta de afeto e frieza emocional ou pela ausência e retirada de afeto emocionalmente expresso. Em segundo, pela presença de hostilidade e agressão, incluindo sentimentos ou expressões de raiva, irritabilidade, explosividade ou reatividade excessiva. Em terceiro, pela indiferença e negligência, incluindo falta de preocupação com as necessidades físicas, psicológicas e sociais da criança e do adolescente. E em quarto a rejeição indiferenciada, que se baseia nas crenças de que os pais não se importam verdadeiramente apesar de não haver sinais evidentes de frieza, agressão ou negligência por parte dos mesmos em outras áreas (Khaleque & Rohner, 2002; Rohner, 1986, 2018; Rohner & Khaleque, 2010; Rohner & Smith, 2019).

Dentro do contexto do comportamento parental, a hostilidade caracteriza-se pela manifestação de agressão verbal ou física, manifestando-se através de práticas como aplicar castigos físicos, bater, elevar a voz e repreender, usado pelos pais com o intuito de forçar os filhos a corresponder às suas expectativas (Li et al., 2020). Além disso, os estudos têm observado que os pais exibem mensagens subtis de rejeição ou falta de aceitação, através de outras práticas parentais como julgar e criticar, menosprezar, intrometer-se ou demonstrar desinteresse e indiferença (Barber, 1996; Skinner et al., 2005; Steinberg et al., 1989). Por outro lado, Rollins e Thomas (1979) observaram que as

tentativas de controlo dos pais de moldar o comportamento dos filhos, através de práticas como dar instruções, impor punições e ameaçar com as mesmas, estabelecer regras e restrições, estão amplamente refletidas nas dimensões de rejeição e sobreproteção. Rollis e Thomas (1979) destacaram igualmente a coerção, que se define como o comportamento que os pais adotam durante uma situação de conflito de vontades com o filho, onde exercem uma pressão significativa para que este se comporte de acordo com os desejos parentais, através de castigos físicos ou privação de privilégios. A retirada de amor, onde os pais demonstram desaprovação em relação ao comportamento do filho, implica que o afeto não será restabelecido até que o mesmo altere o seu comportamento (Nelson & Crick, 2002; van IJzendoorn et al., 2011). Esta prática é considerada uma forma de manipulação ou de punição (Carroll et al., 2010; Coyne et al., 2017; Gottman & Levenson, 2000) que envolve atitudes como ignorar ou desprezar o filho ou expressar decepção, frieza e falta de amor como resposta às ações que desagradaram os pais (Euser et al., 2010).

Desta forma, conclui-se que a rejeição parental abrange tanto expressões diretas como indiretas de desagrado, desconsideração e desaprovação em relação ao filho e ao seu comportamento, sendo que os adolescentes podem sentir a rejeição parental quando procuram ajuda e apoio dos pais mas, em vez disso, são confrontados com críticas, rigidez ou reações emocionais negativas (Rowe et al., 2015). Por último, a sobreproteção manifesta-se frequentemente pelo contacto excessivo, imposição de regras rígidas e uma intervenção constante nas decisões e atitudes dos filhos, sendo que estas práticas acabam por afetar o desenvolvimento de independência e autonomia dos adolescentes (Canavarro, 1996). Durante a adolescência, os pais podem manifestar sobreproteção através de várias práticas, como por exemplo, a tendência dos pais em resolver os problemas dos adolescentes sem que estes solicitem ajuda, ao demonstrarem

uma preocupação excessiva com a saúde e segurança dos filhos e ao alertarem constantemente sobre potenciais riscos e perigos no seu ambiente (Brenning et al., 2017; Omer et al., 2016). Kins e Soenens (2013) referem igualmente outras práticas que manifestam sobreproteção, tais como avisos constantes, bem como resolução prematura dos problemas (de forma a interferir nos conflitos do filho), invasão da privacidade (e.g. ler as mensagens do telemóvel sem autorização) ou estar mais emocional em relação aos problemas do filho do que ele mesmo. Nesse sentido, quando os pais são demasiado protetores, esse envolvimento pode ser interpretado como intrusivo e indesejado por parte do adolescente, comprometendo a sua necessidade de autonomia. Além disso, ajudar excessivamente o adolescente a resolver os seus problemas pode invalidar o seu senso de competência, uma vez que o mesmo ganha a perceção que os pais não confiam nas suas capacidades para superar as adversidades (Van Petegem et al., 2020b).

Diferenças na Parentalidade

A forma como os pais exercem a parentalidade pode variar conforme o sexo tanto dos pais como dos adolescentes. Uma vez que mães e pais desempenham funções diferentes na família, as práticas parentais na infância e adolescência podem diferir dependendo do sexo dos pais e dos adolescentes (Mastrotheodoros et al., 2019; McKinney & Renk, 2008). Comparativamente às mães, atribuiu-se aos pais um papel mais significativo na socialização e definição de género, sendo que estes promovem a masculinidade nos rapazes e feminilidade nas raparigas. Eles tendem a fazer uma distinção mais acentuada entre os géneros e a transmitir normas e expectativas sociais (Johnson, 1975). De acordo com vários estudos, acredita-se que os pais tratam os filhos e as filhas de maneira distinta, promovendo mais autonomia nos rapazes do que nas raparigas. Em comparação com as mães, os pais tendem a incentivar mais os filhos a correrem riscos e a enfrentarem novos desafios, proporcionando-lhes novas situações e experiências,

enquanto estabelecem limites para garantir a sua proteção (Paquette, 2004). No entanto, não são apenas as mães e os pais que podem ter perspectivas divergentes sobre a parentalidade, sendo que os adolescentes também podem ter visões e perspectivas diferentes das dos pais, incluindo expectativas variadas em relação ao timing das suas tarefas de desenvolvimento (Deković et al., 1997). Vários estudos sugerem que o impacto dos pais nos filhos varia conforme o sexo, uma vez que rapazes e raparigas podem reagir de maneira diferente aos comportamentos parentais devido às expectativas sociais e aos processos de socialização de género (Pomerantz et al., 2004). De acordo com Holmbeck et al. (1995), as mães tendem a ser mais afetuosas e a fornecer mais apoio ao mesmo tempo que podem ser vistas pelos filhos como mais intrusivas e sobreprotetoras. Por outro lado, os pais são muitas vezes considerados como mais distantes e menos afetuosos, optando por práticas disciplinares mais alinhadas com o estilo autoritário (Holmbeck, Paikoff, & Brooks-Gunn, 1995; Lamb, 2010). Belsky (1984) destaca que o sexo do filho desempenha um papel determinante no comportamento dos pais. Ele sugere que o sexo do adolescente pode ajudar a explicar porque os pais adotam certos comportamentos, bem como de que forma isso influencia o desenvolvimento dos filhos adolescentes. Neste sentido, alguns estudos tem demonstrado que a relação entre parentalidade autoritativa paterna e a autoeficácia é moderada pelo sexo dos adolescentes, sendo que os pais incentivam e encorajam mais a autonomia e a independência nos rapazes, enquanto demonstram uma maior dependência e disposição para apoiar as raparigas caso elas necessitem de suporte (Snow, Jacklin e Maccoby, 1983; Kail, 2010). Para além disso, segundo a teoria do papel recíproco (Siegal, 1987) os pais tem uma tendência maior do que as mães para diferenciar o tratamento dado aos rapazes e às raparigas, promovendo qualidades distintas como independência nos rapazes e expressividade, empatia e cuidado nas

raparigas. Contudo, alguns estudos observaram que apesar da mãe e do pai desempenharem funções diferentes, estas complementam-se entre si na educação dos filhos. As mães tendem a estar mais presentes e atentas às necessidades desempenhando um papel mais acolhedor, enquanto os pais são mais protetores (Pakaluk & Price, 2020). Neste contexto, na maioria das famílias, as mães e pais tendem a adotar estilos parentais similares, o que reflete conformidade e alinhamento nas práticas educativas entre os dois géneros parentais, esta uniformidade contribui para um ambiente familiar mais coeso e favorável para o desenvolvimento dos filhos (Milevsky et al., 2008). No entanto, de acordo com alguns estudos a investigação sobre a parentalidade de mães e pais é limitada, e embora as diferenças de género na parentalidade sejam teoricamente fundamentadas devido à semelhança nos estilos de mães e pais, muitos investigadores preferem usar pontuações combinadas de práticas da mãe e do pai, em vez de analisá-las separadamente (Russell et al., 1998). Por exemplo Steinberg et al.(1989) e Steinberg, Lamborn, Dornbusch e Darling (1994) identificaram os estilos parentais das famílias ao calcular a média das pontuações das mães e dos pais. No entanto, existem situações em que essa estratégia resulta na classificação incorreta das famílias. Neste sentido, a estratégia de média apresenta limitações, pois não consegue explorar questões teóricas cruciais sobre as implicações para os filhos quando a mãe e o pai adotam estilos de parentalidade distintos, sendo que estudos anteriores evidenciam que os resultados para as crianças variam significativamente conforme o estilo de parentalidade a que estão sujeitas (Simons & Conger, 2007).

Autoestima nos adolescentes

Rosenberg (1965) descreve a autoestima como um conceito singular que reflete as diferenças individuais na avaliação do próprio valor e respeito por si mesmo. A

autoestima é composta por dois elementos principais, nomeadamente: o conhecimento de si próprio e a consciência de si mesmo. Assim, engloba a percepção individual das próprias capacidades e limitações, bem como das suas atitudes e valores pessoais. O seu desenvolvimento começa no nascimento e é continuamente moldado pelas experiências ao longo da vida do indivíduo (Leavitt et al., 2015). A autoestima reflete a maneira como cada indivíduo se avalia dentro do seu grupo social, o valor que atribui a si mesmo, bem como o nível de satisfação pessoal (Baumeister et al., 2003);(Mogonea, 2010). De acordo com Erikson (1972), a adolescência é uma fase moratória psicossocial em que os jovens procuram a sua identidade, exploram diferentes papéis e preparam-se para a vida adulta. Nesse sentido, durante esta fase de desenvolvimento ocorrem acentuadas mudanças a nível físico, cognitivo, psicológico e social (Bowker, 2006; Faria & Azevedo, 2004; Fleming, 1993; Klomsten, Skaalvik & Espnes, 2004; Quiles & Espada, 2009), as quais podem ser indutoras de stress e influenciar a percepção que o adolescente tem de si próprio e da sua autoestima (Gullotta, 2000; Santos & Carvalho, 2006). Durante a adolescência a autoestima passa por um período crítico de desenvolvimento e consolidação (Bolognini, Plancherel, Bettschart, & Halfon, 1996), uma vez que a autoestima se caracteriza por ser um conceito desenvolvimental e evolutivo, que sofre alterações e adaptações ao longo do tempo, conforme as circunstâncias (Quiles & Espada, 2009). Em seguimento dessa ideia, no estudo de uma meta-análise, Robins, Tryesniewski, Tracy, Gosling e Potter (2002) analisaram a trajetória e evolução da autoestima ao longo da vida, tendo concluído que, em geral, os níveis de autoestima tendem a ser mais elevados na infância, sofrem uma queda significativa durante a adolescência e depois aumentam gradualmente ao longo da idade adulta (Robins et al., 2002). Esta diminuição de autoestima no início da adolescência pode ser justificada pelo aumento da percepção realista que os indivíduos desenvolvem

com o passar do tempo, contrastando e opondo-se à visão irrealista de si próprio, típica da infância (Faria & Azevedo, 2004). Por outro lado, durante a adolescência, o eu integra-se progressivamente, manifestando-se pela diminuição da importância dos objetos físicos e pelo aumento da relevância da dimensão psicológica. Há uma crescente consciência da interdependência entre os diversos aspetos do eu e da relação entre a autopercepção e a percepção dos outros (Damon & Hart, 1988). Este período de desenvolvimento por vezes é caracterizado pelo afastamento progressivo dos pais, onde o adolescente começa a experimentar uma maior independência e a valorizar mais as interações com os pares e as experiências fora do ambiente familiar (Steinberg, 2001). Este processo de individualização e ganho de autonomia pode reduzir o impacto direto das práticas isoladas sobre a autoestima, pois o adolescente passa a construir sua identidade e autopercepção a partir de um contexto mais amplo e diversificado (Bluth et al., 2017; Karabanova & Poskrebysheva, 2013). Nesse sentido, é importante considerar também o impacto do sexo na forma como os adolescentes se percebem a si mesmos (Laukkanen et al., 2000). De acordo com a literatura, na adolescência as raparigas tendem a ser mais críticas na sua autorreflexão e autoavaliação, resultando numa autoestima mais baixa em comparação com os rapazes (Bolognini et al., 1996). Esta diferença pode ser atribuída à diminuição da satisfação imagem corporal e a outros problemas da puberdade, sendo a aparência física mais subvalorizada para as raparigas, que frequentemente se sentem mais insatisfeitas com a sua aparência do que os rapazes (Coleman, 2011). No processo da construção de uma autoestima positiva, as vivências dos adolescentes durante a sua infância desempenham um papel crucial, juntamente com a atitude dos pais em relação a eles (Baumeister et al., 2003b; Crocker et al., 2006). Desta forma, o estilo parental é reconhecido por exercer uma influência significativa no desenvolvimento da autoestima dos adolescentes (Okorodudu, 2010).

Estilos Parentais e Autoestima nos Adolescentes

O nível de autoestima do adolescente pode manifestar-se em vários contextos, como no ambiente escolar ou em casa no ambiente familiar, sendo o grau de autoestima perceptível nas atitudes e no comportamento do adolescente (Mogonea et al., 2014). Vários estudos têm analisado e comprovado que os estilos parentais bem como a maneira como os pais educam e interagem com os seus filhos desempenham um papel crucial na formação e manutenção da autoestima (Weiss, 2011). O estilo parental autoritário está associado a uma baixa autoestima nos adolescentes, já o estilo autoritativo tem sido associado a uma autoestima mais elevada nesta faixa etária (Heaven & Ciarrochi, 2008). Na maioria dos estudos nesta área realizados com adolescentes, a autoestima tem sido positivamente associada ao apoio emocional por parte dos pais (Breton et al., 1999; DeHart et al., 2006; Herz & Gullone, 1999; Soenens et al., 2005). Por conseguinte, os pais que são compreensivos e oferecem apoio e suporte emocional contribuem para que os adolescentes consigam atingir e manter uma autoestima saudável (Niaraki & Rahimi, 2013). Em momentos de vulnerabilidade e necessidade de ajuda, os adolescentes podem contar com os pais neste contexto, que lhes transmitem desta forma segurança e confiança para superar desafios (Gesinde & Sanu, 2015). Assim, McKinney et al. (2011) e Milevsky et al. (2007) demonstraram que o estilo parental autoritativo, caracterizado por um elevado apoio emocional e controlo adequado está associado a uma autoestima mais elevada entre adolescentes e jovens adultos, uma vez que práticas parentais que envolvem suporte emocional e um nível adequado de controlo criam um contexto mais favorável para níveis mais elevados de autoestima nos adolescentes. Quando os pais demonstram um comportamento caloroso e suporte emocional, este pode promover o desenvolvimento das competências sociais que, por sua vez, contribuem para relações positivas com os outros e que funcionam

igualmente como fonte de autoestima (Yeung et al, 2016). De acordo com um estudo realizado por Pérez-Fuentes et al. (2019), verificou-se que os jovens que recebem apoio parental de forma a desenvolverem a sua autonomia, que desfrutam de relações afáveis com os seus pais, aliados a uma comunicação eficaz, obtiveram uma pontuação mais elevada relativamente à autoestima. Huang et al., (2024) complementam igualmente que a adoção de abordagens positivas que envolvem atenção ao adolescente, incentivo à autonomia, bem como apoio emocional e uma boa comunicação são práticas essenciais para a criação de um ambiente familiar positivo, que contribuem posteriormente para que o adolescente desenvolva uma perceção positiva de si mesmo e consequentemente, uma autoestima mais saudável.

Por outro lado, o estilo parental autoritário está, como já foi referido, associado a uma baixa autoestima. Os pais autoritários tendem a impor mais regras, mas apresentam menos disponibilidade para responder às necessidades dos filhos. As crianças e adolescentes reconhecem uma atitude negativa por parte dos pais que adotam este estilo, já que, em vez de dialogarem quando os filhos cometem erros, estes pais recorrem a críticas severas, o que pode diminuir consideravelmente a confiança dos adolescentes (Kou, 2022). Desta forma, crianças e adolescentes que estão frequentemente sujeitos a críticas e comparações constantes por parte dos pais, podem sentir-se impotentes e psicologicamente pressionados, levando-os a uma falta de confiança em si mesmos (Martínez & García, 2007; Pinquart & Gerke, 2019). Estes podem começar a questionar as suas próprias capacidades bem como apresentar dificuldades em tomar decisões, resultando numa diminuição da autoestima e numa sensação de desvalorização (Martínez & García, 2007; Pinquart & Gerke, 2019). Este cenário é comum em famílias autoritárias, onde os pais tendem a controlar o comportamento dos filhos recorrendo a punições quando as expectativas não são correspondidas. Desta forma, a exposição

constante a este tipo de ambiente pode levar os adolescentes a duvidarem de si mesmos, quando confrontados com situações semelhantes na ausência dos pais (Tripathi & Jadon, 2017). Pelo contrário, os pais autoritativos orientam frequentemente os seus filhos com uma abordagem positiva. Quando os filhos cometem erros, os pais autoritativos optam por abordar a situação de forma gentil, com base no diálogo e de forma a entenderem a razão por trás do erro, explorando soluções.

Relativamente ao estilo parental permissivo, os seus efeitos na autoestima são mais difíceis de prever, uma vez que o afeto dos pais e a concessão de autonomia incentivam uma perceção positiva do indivíduo sobre si mesmo e a realização das suas necessidades de independência. No entanto, a ausência de exigências pode comprometer o desenvolvimento de competências, o êxito na aplicação dessas competências e ainda uma atitude e perceção positivas em relação a si mesmo (Pinquart & Gerke, 2019).

Já no estilo parental negligente, as práticas negligentes caracterizam-se por uma falta significativa tanto de exigência quanto de capacidade de resposta por parte dos pais, demonstrando um desinteresse pronunciado (Rahman et al., 2017). Neste tipo de ambiente, os pais não estabelecem uma ligação emocional com os filhos, sendo comum que os adolescentes manifestem problemas comportamentais, façam uso de substâncias, envolvam-se em comportamentos delinquentes e tenham um desempenho geralmente fraco em diversas áreas (Okunlola et al., 2020).

Num estudo realizado por Pinquart & Gerke (2019) onde são avaliados os quatro estilos parentais de acordo com o modelo de Maccoby & Martin (1983), os autores concluíram que tanto o estilo negligente como o autoritário estão associados a uma diminuição da autoestima nos adolescentes. Embora se possa sugerir que a combinação de baixo controlo e baixo afeto parental associada ao estilo negligente seja mais nociva para o desenvolvimento do que a parentalidade autoritária — uma vez que o controlo pode

promover o desenvolvimento de competências e inibir comportamentos inadequados (Macoby & Martin, 1983); Steinberg, 2001) —, os estudos mostram que ambos os estilos têm correlações semelhantes com a autoestima. Baumrind (2013) salientou que os pais autoritários geralmente utilizam um tipo de controlo coercivo marcado por comportamentos arbitrários, intrusivos e dominadores, em vez de um tipo de controlo com um impacto positivo no desenvolvimento. Desta forma, o controlo coercivo pode ter um efeito negativo semelhante à falta de controlo parental característica do estilo parental negligente (Pinquart & Gerke, 2019). Por outro lado, o controlo parental dos pais autoritativos envolve uma abordagem onde os filhos são incentivados a expressar as suas opiniões e onde existe uma comunicação bidirecional (Lavrič & Naterer, 2020).

Em conclusão, os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da autoestima dos adolescentes, envolvendo vários fatores como uma aprovação parental positiva, bem como exigência parental que promova a auto-competência e a concessão de autonomia (Yeung et al., 2016). Neste sentido, práticas com base na aceitação e envolvimento como o afeto, suporte, aceitação e comunicação poderão influenciar positivamente a autoestima dos adolescentes (Martínez et al., 2019; Martínez & García, 2007). Já o uso de práticas de rigidez/imposição como por exemplo a repreensão verbal, castigos físicos e revogação de privilégios poderão ter um impacto negativo na autoestima do adolescente (Martínez et al., 2021).

Autoeficácia nos adolescentes

Segundo Bandura (1997), a autoeficácia refere-se à convicção individual nas próprias capacidades para planear e realizar as ações necessárias para alcançar objetivos específicos. A adolescência representa um momento essencial no desenvolvimento psíquico humano, em que ocorrem várias transformações, tais como a procura pela

identidade, o desenvolvimento de uma imagem coerente de si mesmo bem como a conquista da independência e da autonomia (Cretu, 2001). Desta forma, os adolescentes necessitam de confiar nas suas capacidades para lidarem com novas situações e desafios, bem como estabelecer metas e a comprometerem-se totalmente com elas (Negovan, 2010). Em termos de sentimentos, uma baixa autoeficácia está relacionada à depressão, ansiedade e sensação de impotência, sendo que indivíduos com baixa autoeficácia tendem também a ter uma baixa autoestima e a cultivar pensamentos negativos sobre as suas realizações e progresso pessoal (Bandura, 1997). Já em relação ao pensamento, um forte sentido de competência facilita os processos cognitivos e o desempenho em várias situações, como a qualidade da tomada de decisões e o sucesso académico (Bandura, 1997). Desta forma, vários estudos sobre o desenvolvimento da autoeficácia têm mostrado que as convicções dos adolescentes acerca da sua própria capacidade funcionam como um recurso pessoal significativo à medida que atravessam diferentes fases de vida (Bandura, 1995, 1997; Flammer, 1995; Schneewind, 1995). Assim, é essencial ter crenças positivas de autoeficácia, uma vez que estas permitem visualizar a capacidade de superar obstáculos (Savickas, 2005). Os adolescentes com uma elevada perceção de autoeficácia sentem que têm mais controlo sobre as situações, interpretando-as como desafios a serem superados e não como ameaças a serem evitadas (Marcionetti & Rossier, 2021). Neste sentido, (Bandura, 1993) afirmou que as crenças de autoeficácia são moldadas pelo ambiente, pela interação entre colegas, pelas experiências escolares ou pela família. Especificamente, na infância e na adolescência, a família desempenha um papel crucial na promoção dessas crenças, principalmente através dos estilos parentais. Vários estudos têm demonstrado que existe uma ligação entre a autoeficácia e os estilos parentais, evidenciando que os pais desempenham um

papel fundamental no desenvolvimento da competência e das crenças dos seus filhos (Eccles et al., 1993; Jacobs & Eccles, 1992).

Estilos Parentais e Autoeficácia nos Adolescentes

A autoeficácia é atribuída a diversos fatores inclusive aos estilos parentais (Qamar et al., 2017). Segundo (Harter, 2011) e apoiado por Eccles et al.(1997), os pais desempenham um papel fundamental na transmissão de competências e crenças das crianças e dos adolescentes, incluindo na sua autoeficácia. Os diversos estilos parentais exercem uma influência significativa na autoeficácia dos adolescentes, podendo influenciar a sua percepção de si próprios de forma positiva ou negativa, afetando a sua autoestima e confiança (Lord et al., 1994). Vários estudos evidenciaram que os adolescentes que consideram os seus pais como autoritativos têm valores e crenças de autoeficácia mais elevados, bem como maior confiança nas suas capacidades. No entanto, o sentido de autoeficácia é mais reduzido entre adolescentes que vêem os pais como não autoritativos (Boon, 2007; Ingoldsby et al., 2003; Juang & Silbereisen, 2002). Segundo a literatura, o estilo parental autoritativo tende a ser o que mais favorece o desenvolvimento da autoeficácia nos adolescentes (Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg & Ritter, 1997; Gray & Steinberg, 1999). Num estudo realizado por Sweson & Prelow (2005), os investigadores constataram que o suporte emocional influencia indiretamente a percepção de autoeficácia através da autoestima. Assim sendo, o suporte parental é comumente definido como estar emocionalmente presente e disponível para o filho quando ele mais precisa. Além disso, é crucial para o bem-estar dos adolescentes e tem um impacto favorável na sua autoeficácia (Felson, 1989). Neste sentido, vários estudos sugerem que os pais que são emocionalmente calorosos e expressivos, mas que concedem encorajamento e autonomia para que haja exploração, têm maior

probabilidade de promover tanto um sentido de autoeficácia como de segurança e de apego (Ferry, Fouad & Smith, 2000). Por outro lado, os adolescentes que percebem os seus pais como autoritários, permissivos ou negligentes, são mais propensos a atribuir o resultado das suas realizações a causas externas ou o insucesso escolar à falta de capacidade, em comparação com a parentalidade autoritativa (Glasgow et al., 1997). Deste modo, o estilo parental autoritativo tende a desempenhar um papel crucial na autoeficácia durante a adolescência, em comparação com os estilos parentais autoritário e permissivo. De acordo com Baumrind (1967), crianças educadas por famílias autoritativas tendem a adquirir um sentido de segurança e capacidade de autocontrolo ao lidarem com as suas emoções e objetivos. Ou seja, a forma como os pais educam os filhos influencia a capacidade dos adolescentes se controlarem e gerirem as suas emoções e objetivos. No entanto, Tam et al. (2012) acrescentam que crianças e adolescentes que experienciam práticas parentais permissivas demonstram autoestima reduzida, falta de persistência na aprendizagem, elevados níveis de frustração, comportamentos delinquentes, bem como competências académicas inadequadas e baixos níveis de funcionamento psicológico. Baumrind (1967) complementa igualmente que adolescentes sob cuidados permissivos demonstram frequentemente imaturidade em diversos aspetos psicossociais, são inseguros, emocionalmente distantes e hesitantes devido à falta de orientação e supervisão por parte dos pais. Por outro lado, a qualidade dos padrões de interação e o estilo parental autoritativo tendem a incutir coragem, motivação e independência nos adolescentes, preparando-os para o futuro.

No que diz respeito ao estilo negligente e à autoeficácia, alguns autores identificaram características como a ausência de uma atitude positiva, comportamento desconexo da tarefa e maior antecipação e expectativas de fracasso entre os adolescentes que referiram experienciar uma parentalidade negligente (Aunola, Stattin, & Nurmi, 2000). Por outro

lado, no caso do estilo autoritário, a ênfase excessiva no controlo tem sido associada à falta de interesse dos adolescentes em várias tarefas, por exemplo na escola, sendo que adolescentes de famílias autoritárias reportaram mais ações de fracasso, maior passividade e falta de envolvimento com as tarefas do que adolescentes de famílias autoritativas (Aunola, Stattin, & Nurmi, 2000). Neste sentido, alguns estudos sugerem que as memórias do controlo intrusivo pelos pais, a falta de concessão e permissão de autonomia adequada à idade e de um padrão disciplinar de retirada de afeto, no qual os pais ameaçam retirar o carinho como forma de controlar o comportamento, estão relacionados com uma menor autoeficácia e a níveis mais elevados de problemas interpessoais nos adolescentes (Mallinckrodt & Wei, 2000). Outras evidências apoiaram igualmente esta ideia referindo que o controlo excessivo dos pais está fortemente associado à falta de autoeficácia, ao desenvolvimento de sentimentos de impotência, bem como depressão (Abramson, Seligman, & Teasdale, 1978; Kuppens et al., 2019). Assim sendo, é possível perceber que os adolescentes adquirem e desenvolvem muitas informações sobre a autoeficácia através da sua família e dos seus pais (Schunk & Miller, 2002). De forma geral, o estilo autoritativo apresenta a melhor combinação entre suporte e afeto, responsividade e controlo de forma a apoiar crianças e adolescentes. Particularmente, estes pais acompanham e orientam os filhos a desenvolver um sentimento de competência, ao proporcionarem um ambiente que os desafia, incentiva e estabelece metas ambiciosas mas alcançáveis (Schunk & Meece, 2005).

Estilos e Práticas Parentais, Autoestima e Autoeficácia nos Adolescentes

Os comportamentos parentais, conforme percebidos pelos adolescentes, desempenham um papel fundamental na formação da sua autoimagem e autoconfiança, elementos fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo (Harter et al., 1998). Neste sentido, acredita-se que a autoestima seja reconhecida como um fator precursor

que contribui para o desenvolvimento da autoeficácia (Bandura, 1997). Assim sendo, uma baixa autoestima associada a sentimentos de inferioridade ou indignidade podem gerar uma percepção de incompetência e afetar a capacidade de atingir objetivos e enfrentar os desafios da vida, resultando numa diminuição da autoeficácia geral (Rosenberg, 1979). No entanto, indivíduos com uma autoestima mais elevada e percepção consistente do seu próprio valor podem sentir-se mais otimistas e, conseqüentemente, mais capazes de realizar tarefas (Enger et al. 1994; Griffiore et al. 1990). Os pais têm um papel crucial na percepção que os adolescentes tem do seu valor e das suas crenças de autoeficácia (Cooley, 1902; Bandura, 1997). Quando estes adotam comportamentos e práticas que incentivem e aumentem a confiança nas capacidades dos filhos, estes empenham-se mais para alcançar o sucesso e persistir nesse esforço. Por outro lado, quando os pais desvalorizam ou restringem a confiança dos adolescentes nas suas capacidades, estes tenderão a desenvolver crenças e comportamentos menos eficazes (Bandura, 1997). Neste contexto, o suporte parental e apoio emocional que envolve a adoção de práticas parentais que demonstrem aceitação, afeto e calor parental (Peterson, 2005) refletem mensagens encorajadoras e positivas que podem ser internalizadas, resultando numa melhor autoestima do adolescente (Felson & Zielinski, 1989; Plunkett et al., 2007). Além disso, o apoio emocional proporciona uma base segura para os adolescentes explorarem o seu ambiente e sentirem-se mais seguros e confiantes para enfrentarem desafios (Peterson & Hann, 1999), promovendo desta forma uma autoeficácia mais elevada. Neste contexto, espera-se que os adolescentes cujos pais adotem um estilo autoritativo manifestem uma autoestima e autoeficácia mais elevadas, com base no equilíbrio da combinação de suporte emocional e exigências elevadas proporcionadas por estes progenitores (Smith, 2007). Este suporte emocional promove um forte sentimento de autoestima, de forma a potenciar a percepção de competência e

capacidade para enfrentar os desafios da vida, influenciando positivamente a autoeficácia geral dos adolescentes (Sweson & Prelow, 2005). Por outro lado, o controle psicológico parental, bastante refletido nas tentativas de controle e nas dimensões de rejeição e sobreproteção (Rollis & Thomas, 1979), é caracterizado pelas tentativas de impor autoridade através de práticas como a retirada de afeto e a indução de culpa (Steinsberg, 2005). Estes comportamentos intrusivos podem espelhar percepções negativas no adolescente (como sentir-se indigno ou inadequado), resultando em sentimentos de desvalorização pessoal e numa diminuição da autoestima (Barber, 2002; Barber & Harmon 2002; Plunkett et al. 2007a, b). Consequentemente, a imposição de controle pode afetar a independência levando-os a duvidar da sua capacidade e competência, resultando também numa diminuição da autoeficácia (Barber, 2002; Peterson, 2005). Neste sentido, devido à falta de suporte e à natureza restritiva da parentalidade autoritária, espera-se que os adolescentes educados por estes pais apresentem uma menor autoestima e autoeficácia (Smith, 2007). Concretamente, os pais autoritários tendem a impor mais regras, mas mostram-se menos disponíveis para atender às necessidades dos filhos e recorrem a críticas severas em vez de dialogarem quando ocorrem erros, diminuindo a confiança dos adolescentes (Kou, 2022). Por outro lado, o controle intrusivo e a falta de concessão de autonomia adequada à idade e um padrão disciplinar de retirada de afeto estão ligados a uma menor autoeficácia e a mais problemas interpessoais entre adolescentes (Mallinckrodt & Wei, 2000).

Por último, os estilos permissivo e negligente são mais difíceis de prever. Devido à ausência de exigências e limites claros, esses estilos podem levar a uma internalização inconsistente das normas e expectativas nas crianças (Baumrind, 1991). Quando se trata do estilo permissivo, a expressão de afeto pelos pais e a concessão de autonomia podem incentivar uma percepção positiva do indivíduo sobre si mesmo e a satisfazer as suas

necessidades de independência. No entanto, a falta de controlo e exigências pode dificultar o desenvolvimento e a aplicação bem-sucedida de competências (Pinquart & Gerke, 2019). Já o estilo negligente está associado a uma diminuição da autoestima nos adolescentes (Maccoby & Martin, 1983). Neste contexto familiar, os pais não desenvolvem uma ligação emocional com os filhos e é comum que os adolescentes enfrentem problemas comportamentais, ou que tenham um desempenho geralmente fraco em diversas áreas (Okunlola et al., 2020)

Objetivos

Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo geral compreender a relação entre os estilos parentais, a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes.

Concretamente, pretende-se igualmente abordar os seguintes objetivos específicos:

Objetivos Específicos

- Explorar se existe coerência entre mãe e pai nas dimensões parentais de suporte emocional, rejeição e sobreproteção;
- Investigar se as dimensões da parentalidade diferem em função do sexo do adolescente;
- Compreender a relação entre a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes;
- Explorar se existem diferenças de sexo na autoestima e na autoeficácia dos adolescentes;
- Compreender a relação entre suporte emocional, rejeição e sobreproteção na autoestima e na autoeficácia dos adolescentes; particularmente, se esta relação é moderada pelo sexo dos adolescentes.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 94 adolescentes, dos quais 47 são do sexo masculino (50%) e 47 do sexo feminino (50%). A idade dos participantes variou entre os 12 e os 18 anos de idade ($M = 15.40$, $DP = 1.70$), como se pode verificar na Tabela 1. Inicialmente, a amostra deste estudo era constituída por um total de 110 participantes, sendo que foram considerados como critérios de exclusão, a nacionalidade e a idade. Excluiu-se inicialmente da amostra 13 participantes que não apresentavam nacionalidade portuguesa, uma vez que os instrumentos utilizados para avaliar as variáveis estão validados para a população portuguesa. Em segundo lugar, relativamente à idade, foram excluídos 3 participantes por não se enquadrarem no critério da idade entre os 12 e os 18 anos.

Quanto às habilitações literárias e ao ano de escolaridade correspondente à amostra total dos 94 participantes, 13 destes frequentavam o 7º ano (13.8%), 7 estavam no 8º ano (7.4%), 9 encontravam-se no 9º ano (9.6%), 6 frequentavam o 10º ano (6.4%), 31 no 11º ano (33.0%) e , por último, 28 estavam no 12º ano (29.8%).

Tabela 1
Caracterização da Amostra

Dados sociodemográficos	N	%
Sexo (n=94)		
Masculino	47	50
Feminino	47	50
Ano de Escolaridade (n=94)		
7º ano	13	13.8
8º ano	7	7.4
9º ano	9	9.6
10º ano	6	6.4
11º ano	31	33.0
12º ano	28	29.8

Dados sociodemográficos	N	%
Com quem vives ? (n=94)		
Família Nuclear (Só com os pais/irmãos)	83	88.3
Família Alargada (Só com avós e tios)	4	4.3
Família Nuclear e Alargada	4	4.3
Guarda Partilhada	2	2.1
Só com um parente	1	1.1
Estado civil dos pais (n=94)		
Casados	72	76.6
Separados	7	7.4
Divorciados	15	16.0

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico teve como objetivo recolher informações relevantes sobre características sociodemográficas da amostra. É composto por questões referentes ao sexo, idade e ano de escolaridade. Além disso, pretendeu-se obter informações sobre o contexto familiar, nomeadamente a habitação, o número de pessoas no agregado familiar, estado civil e nível de escolaridade dos pais.

EMBU - Egna Minnen Beträffande Uppfostran (EMBU-MI)

Para avaliar os estilos parentais nos adolescentes utilizou-se o O EMBU-MI (Perris, Jacobsson, Lindstrom, von Knorring, & Perris, 1984) na sua versão adaptada à população portuguesa (Canavarro, 1997). Esta escala destina-se a medir as memórias da infância e adolescência, concretamente a frequência com que determinadas práticas parentais ocorrem durante a infância e adolescência dos indivíduos, separadamente em relação ao pai e à mãe. Para indicar a ocorrência dessas práticas, é utilizada uma escala do tipo *Likert* de 4 pontos, que varia entre “Não, nunca” e “Sim, a maior parte do tempo”. O EMBU-MI é composto por 23 itens que pretendem avaliar três fatores,

nomeadamente: Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção. Nas duas escalas consideradas (Mãe e Pai), os fatores são constituídos pelos mesmos itens, exceto na dimensão da rejeição que, no caso do pai, não contempla o item 21 (que foi retirado da versão portuguesa). A escala EMBU-MI apresenta um item cuja cotação deve ser invertida, nomeadamente o item 17 que corresponde à escala da sobreproteção.

Os três fatores foram definidos por Arrindell e Van der Ende (1984), com base nas descrições de Rollins e Thomas (1979) para os mesmos conceitos. Assim sendo, o Suporte Emocional refere-se à soma dos itens (2,6,9,12,14,19,23) que estão relacionados com os comportamentos parentais em relação aos filhos, tais como a aprovação, encorajamento, ajuda, compensação, expressão verbal e física de amor e carinho. Em suma, este fator engloba as práticas parentais que promovem segurança, aceitação e conforto dos filhos na sua presença. O fator de Rejeição refere-se à soma dos itens (1,4,7,10,13,15,16,21*,22), sendo que o item 21 foi retirado da versão portuguesa da escala do pai. A soma destes referem-se aos comportamentos dos pais que procuram moldar a vontade dos filhos, sendo percebidos por estes como uma pressão para se comportarem conforme os desejos dos pais. Em termos práticos, esta dimensão é determinada pela frequência de práticas como castigos físicos, privação de objetos ou privilégios, aplicação direta da força com o objetivo de influenciar o comportamento dos filhos. Por último, no fator de Sobreproteção correspondem os seguintes itens (3,5,8,11,17**,18,20), sendo o item 17 invertido. A soma destes itens aborda os comportamentos parentais caracterizados por uma proteção excessiva relativamente a experiências indutoras de stress e adversidades, intrusão nas atividades dos filhos e expectativas elevadas de desempenho em várias áreas (rendimento escolar, por exemplo), bem como imposição de regras rígidas às quais é exigida total obediência. As subescalas revelaram boa consistência interna, tendo-se obtido valores

de alfa de Cronbach de 0.85 para a subescala do pai e 0.88 na subescala da mãe para a dimensão do Suporte Emocional, 0.86 para a subescala do pai e 0.89 para a subescala da mãe na Rejeição e de 0.76 para a subescala do pai e 0.80 para a subescala da mãe para a Sobreproteção (Arrindell et al., 1983).

Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)

A escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1979), traduzida e validada para a população portuguesa por Pechorro, Marôco, Poiares & Vieira (2011), é um instrumento amplamente conhecido por avaliar a autoestima em adolescentes e adultos. Esta escala consiste em 10 itens, avaliados numa escala tipo Likert de 4 pontos (Discordo fortemente = 1; Discordo = 2; Concordo = 3 e Concordo fortemente = 4). Deve ser efetuada a inversão da cotação dos itens 2, 5, 6, 8 e 9. A pontuação da escala pode variar entre 10 e 40, sendo que quanto mais elevada a pontuação, maior será a autoestima do sujeito. Os estudos efetuados revelaram boas propriedades psicométricas, com um nível de estabilidade temporal com correlações de .82 a .88 e uma boa consistência interna, com um valor de alfa de Cronbach de .77 a .88 e uma validade de construto adequada (Pechorro et al., 2011).

Escala de Autoeficácia Geral (GSE)

Foi utilizada a versão portuguesa (Araújo & Moura, 2011) da General Self Efficacy Scale (Schwarzer & Jerusalem, 1995), que permite avaliar o sentimento geral da eficácia pessoal para lidar adequadamente perante um conjunto alargado de situações. Este instrumento é constituído por 10 itens, que devem ser respondidos numa escala com quatro alternativas de resposta (1- De modo nenhum é verdade; 2- Dificilmente é verdade; 3 - Moderadamente verdade e 4 - Exatamente verdade). Todos os itens encontram-se formulados no sentido positivo e convergem na avaliação do construto

global de autoeficácia. Trata-se, assim, de uma escala unidimensional, cuja pontuação total pode variar entre os 10 e os 40 pontos, em que valores mais elevados indicam a presença de uma elevada autoeficácia geral.

De modo a testar as suas propriedades psicométricas, a escala foi aplicada a uma amostra de 536 portugueses (Araújo & Moura, 2011). A análise da consistência interna, das correlações item-total e inter-item apoiam a natureza unifactorial deste instrumento. O valor de alfa de Cronbach foi de .87, próximo do que foi obtido na meta-análise de 25 países (α) = .86) onde a GSE foi estudada (Scholz et al., 2002). Assim sendo, a versão portuguesa da General Self- Efficacy Scale (Escala de Autoeficácia geral) demonstra adequadas propriedades psicométricas.

Procedimento

Para a realização do presente estudo, o projeto de investigação foi aprovado pela Comissão de Ética da Universidade Lusíada de Lisboa , que autorizou o início da recolha de dados. Foi igualmente obtida a autorização para utilização dos instrumentos aos respetivos autores (Anexo G). De seguida, preparou-se na plataforma *Google Forms* o formulário a aplicar aos adolescentes. Este começava por apresentar, de forma concisa, o tema da pesquisa e os respetivos objetivos, de maneira a que os participantes pudessem compreender a natureza do estudo. Dado que o público-alvo deste estudo integra na sua maioria uma população menor de idade, foi incluída inicialmente, uma secção destinada ao consentimento informado pelos encarregados de educação, bem como pelos próprios participantes. Adicionalmente, foi explicada e garantida a confidencialidade e anonimato dos dados do estudo e a possibilidade de retirar o consentimento por parte dos participantes a qualquer momento. Posteriormente, a secção subsequente continha algumas questões sociodemográficas (e.g nacionalidade, idade, sexo, entre outras) e finalmente, os instrumentos que visavam avaliar as variáveis do estudo. A recolha dos dados foi, deste modo, realizada via online, com um tempo de duração de aproximadamente 10 a 15 minutos. Neste sentido, a partilha do questionário e recolha dos dados online teve o intuito de facilitar o acesso dos participantes ao questionário, bem como facultar mais facilmente a possibilidade de partilha entre a população-alvo. A divulgação dos questionários realizou-se em diversas plataformas e redes sociais como o *Instagram*, *Facebook* e no *WhatsApp*, constituindo uma amostragem por conveniência e por método bola-de-neve. A recolha dos dados teve início em meados de Dezembro de 2023 e durou até final de Abril de 2024.

Resultados

Plano de Análise de Dados

Todas as análises deste estudo foram realizadas com recurso ao SPSS Statistics (v. 29, IBM SPSS, Chicago IL). Em primeiro lugar, foram consideradas as principais variáveis do estudo, de forma a efetuar-se uma caracterização da amostra (Tabela 1).

Foi efetuada uma análise de estatística descritiva para todas as variáveis do estudo, obtendo-se a média, desvio-padrão, mínimo e máximo obtido nas respostas dos participantes (Tabela 2). Posteriormente, de forma a compreender se existiam diferenças significativas relativamente às dimensões da parentalidade, recorreu-se ao teste *t* para amostras emparelhadas (Tabela 3). De seguida, investigou-se a existência de diferenças de médias das dimensões da parentalidade em função do sexo e aplicou-se o teste *t* para amostras independentes (Tabela 4). Explorou-se igualmente possíveis diferenças em função do sexo para a variável da autoestima e da autoeficácia (Tabela 5). Depois, estudaram-se possíveis associações entre as principais variáveis do estudo, nomeadamente as dimensões do EMBU, a autoestima e a autoeficácia, através do Coeficiente de Correlação de Pearson (Tabela 6). Por último, para compreender se a relação entre as dimensões da parentalidade na autoestima (Tabelas 7 e 8) e autoeficácia (Tabelas 9 e 10) dos adolescentes poderia ser moderada ou predita pelo sexo efetuou-se um modelo de regressão linear múltipla.

Estatística Descritiva

De acordo com a tabela 2, foi realizada uma análise de estatística descritiva das variáveis do estudo. Inicialmente analisou-se as dimensões correspondentes ao EMBU, nomeadamente o suporte emocional, a rejeição e sobreproteção, tanto para a subescala

da mãe como para a do pai. Em seguida, foram igualmente avaliadas as variáveis da autoestima e da autoeficácia geral nos adolescentes.

Tabela 2

Estatística Descritiva Referente às Variáveis em Estudo

	N	M	DP	Min.	Max.
Suporte emocional Pai	85	22.12	4.58	9	28
Suporte emocional Mãe	91	23.59	3.89	14	28
Rejeição Pai	67	10.19	3.15	8	23
Rejeição Mãe	71	11.88	3.62	9	28
Sobreproteção Pai	77	13.96	3.34	7	24
Sobreproteção Mãe	85	14.69	3.64	8	26
Autoestima	94	31.14	5.88	19	40
Autoeficácia geral	94	31.11	4.44	21	40

No EMBU-MI, de acordo com a interpretação do somatório dos itens na dimensão de suporte emocional, a pontuação média mínima possível é de 7 e de média máxima é de 28, para ambas as subescalas da mãe e do pai. Na dimensão de suporte emocional correspondente à subescala do pai, os participantes obtiveram um valor médio alto ($M = 22.12$, $DP = 4.58$). Este valor indica que os participantes consideram um alto nível de suporte emocional por parte do pai. Relativamente à dimensão de suporte emocional correspondente à mãe, os participantes evidenciaram igualmente um valor médio alto ($M = 23.59$, $DP = 3.89$). Este valor indica que os participantes consideram um alto nível de suporte emocional por parte da mãe, uma vez que este valor se encontra próximo do valor máximo possível (28).

Na dimensão da rejeição paterna, uma vez que o item 21 foi removido na versão portuguesa da subescala no caso do pai, mantendo-se apenas na subescala da mãe, o intervalo de pontuação é de 8 (mínimo) a 32 (máximo). Os participantes obtiveram um

valor médio baixo ($M = 10.19$, $DP = 3.15$), indicando que os participantes avaliam a rejeição por parte do pai como baixa, uma vez que o valor da média ($M = 10.19$) está muito próximo ao limite inferior da escala. No caso da mãe, o intervalo de pontuação pode variar de 9 (mínimo) a 36 (máximo). Na dimensão da rejeição materna, os participantes obtiveram um valor médio baixo ($M = 11.88$, $DP = 3.6$). Este valor de média ($M = 11.88$) indica que, em geral, os participantes consideram baixos níveis de rejeição por parte da mãe, já que este valor está mais próximo do limite mínimo. Na dimensão da sobreproteção, o intervalo de pontuação pode variar entre 7 (mínimo) a 28 (máximo), para ambas as subescalas do pai e da mãe. Relativamente à subescala paterna, os participantes obtiveram um valor médio ($M = 13.96$, $DP = 3.34$). Este valor indica que os participantes avaliam a sobreproteção por parte do pai como moderada, uma vez que a pontuação mínima possível é 7 e a máxima é 28, uma média de aproximadamente 14 está abaixo do ponto médio da escala (17,5). Na subescala da mãe, os participantes obtiveram um valor médio ($M = 14.69$, $DP = 3.64$). Os resultados indicam que os participantes, de forma geral, percebem níveis moderados de sobreproteção por parte da mãe.

De seguida, foram avaliadas as dimensões da autoestima e da autoeficácia geral.

Relativamente à escala de autoestima, os participantes apresentaram um valor de média alto ($M = 31.14$, $DP = 5.88$). Considerando que a pontuação na escala varia entre 10 e 40, uma média de 31.14 indica que os participantes, de forma geral, apresentam uma autoestima elevada. Por último, na escala de autoeficácia geral (GSE), em que a pontuação total pode variar entre 10 e 40, os participantes apresentaram um valor de média elevado ($M = 31.11$, $DP = 4.44$). Estes resultados mostram que os participantes apresentam uma autoeficácia geral elevada.

Estudo de Diferenças

Procedeu-se à comparação de médias entre o suporte emocional da mãe e do pai, com a aplicação do teste t para amostras emparelhadas.

Tabela 3

Diferenças de Médias das Dimensões na Parentalidade

	Mãe M (DP)	Pai M (DP)	t	Gl
Suporte emocional	23.54 (3.95)	22.13 (4.59)	-4.812***	84
Rejeição	11.75 (3.40)	10.19 (3.15)	-4.68***	66
Sobreproteção	14.52 (3.71)	13.97 (3.35)	-2.34*	76

Nota. *** $p < .001$; * $p < .05$

Através da análise da Tabela 3, verificou-se que existem diferenças significativas entre as médias do suporte emocional da mãe e do pai [$t(84) = -4.812, p < .001$], sendo que a mãe apresenta uma média superior ($M = 23.54, DP = 3.95$) em comparação ao pai ($M = 22.13, DP = 4.59$). O tamanho do efeito d de Cohen é de $-.5$, revelando que esta diferença é moderada. Observaram-se igualmente diferenças significativas entre as médias da dimensão de rejeição do pai e da mãe [$t(66) = -4.68, p < .001$], sendo que a mãe apresenta uma média maior ($M = 11.75, DP = 3.40$) relativamente à do pai ($M = 10.19, DP = 3.15$). Esta diferença é moderada, apresentando um tamanho efeito de $-.5$. Em relação à sobreproteção, existem diferenças significativas entre a média da mãe e do pai [$t(76) = -2.34, p = .022$], sendo que a mãe apresenta uma média superior ($M = 14.52, DP = 3.71$) à do pai ($M = 13.97, DP = 3.35$). O tamanho do efeito é $-.2$, considerando-se esta diferença pequena.

Estudo de Diferenças em Função do Sexo do Adolescente

A fim de verificar se existem diferenças de médias das dimensões da parentalidade em função do sexo do adolescente aplicou-se o teste *t* para amostras independentes.

Tabela 4

Diferença de Médias das Dimensões de Parentalidade em Função do Sexo

	<i>t</i>	<i>Gl</i>
Suporte emocional Pai	1.69	83
Suporte emocional Mãe	.899	89
Rejeição Pai	1.009	65
Rejeição Mãe	-.214	69
Sobreproteção Pai	1.125	75
Sobreproteção Mãe	.269	83

De acordo com a Tabela 4, não se verificaram diferenças significativas em função do sexo do adolescente entre as médias da dimensão do suporte emocional do pai [$t(83) = 1.69, p = .095$], do suporte emocional da mãe [$t(89) = .899, p = .371$], da dimensão da rejeição do pai [$t(65) = 1.009, p = .317$], da dimensão da rejeição da mãe [$t(69) = -.214, p = .831$], da dimensão da sobreproteção do pai [$t(75) = 1.125, p = .264$] e da dimensão da sobreproteção da mãe [$t(83) = .269, p = .789$].

De forma a compreender se a autoestima e autoeficácia variam consoante o sexo do adolescente, procedeu-se a uma análise de variância (ANOVA) de um fator, cujos resultados constam na Tabela 5.

Tabela 5

Diferenças na Autoestima e na Autoeficácia em Função do Sexo do Adolescente

	<i>Sexo feminino</i> <i>M (DP)</i>	<i>Sexo masculino</i> <i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Autoestima	29.96 (5.64)	32.34 (5.95)	3.975	1	.049*
Autoeficácia	31.15 (4.71)	31.09 (4.22)	.005	1	.945

Nota. * $p < .05$

Verificou-se que apenas a autoestima varia consoante o sexo do adolescente [$F(1,92) = 3.975, p < .005$], tendo um tamanho de efeito pequeno de $d = .041$, o que não se sucede com a autoeficácia, na qual não houve um efeito significativo [$F(1,92) = .005, p = .945$]. Na autoestima, verificou-se que o sexo masculino apresentou uma média superior ($M = 32.34 DP = 5.95$) à do sexo feminino ($M = 29.96 DP = 5.64$).

Coeficientes de correlação

É possível verificar na Tabela 6 as correlações entre as variáveis suporte emocional, rejeição e sobreproteção de ambos os pais, de autoestima e autoeficácia geral.

Tabela 6

Coeficientes de Correlação de Pearson Entre as Variáveis do Estudo

	1	2	3	4	5	6	7
1. Suporte emocional Pai							
2. Suporte emocional Mãe	.80**						
3. Rejeição Pai	-.35**	-.31*					
4. Rejeição Mãe	-.31*	-.29*	.65**				
5. Sobreproteção Pai	-.05	-.01	.45**	.34**			
6. Sobreproteção Mãe	-.06	-.04	.42**	.59**	.82**		
7. Autoestima	.45**	.38**	-.42**	-.45**	-.07	-.18	
8. Autoeficácia geral	.33**	.28**	-.37**	-.26*	-.10	-.13	.63**

*, $p < .05$. **, $p < .01$.

De acordo com a Tabela 6, verificou-se uma correlação positiva muito forte entre o suporte emocional do pai e o suporte emocional da mãe ($r = .80, p < .001$), uma correlação negativa moderada entre o suporte emocional do pai e a rejeição do pai ($r = .35, p < .001$), uma correlação negativa moderada entre o suporte emocional da mãe e a rejeição do pai ($r = .31, p = .011$) uma correlação positiva forte entre a rejeição do pai e a rejeição da mãe ($r = .65, p < .001$), uma correlação positiva moderada entre a

rejeição do pai e a sobreproteção do pai ($r = .45, p < .001$) e uma correlação positiva forte entre a rejeição da mãe e a sobreproteção da mãe ($r = .59, p < .001$).

Também se verificou que existe uma correlação positiva moderada entre a autoestima e o suporte emocional do pai ($r = .45, p < .001$), uma correlação positiva moderada entre autoestima e suporte emocional da mãe ($r = .38, p < .001$), uma correlação negativa moderada entre a autoestima e a rejeição do pai ($r = -.42, p < .001$), uma correlação negativa moderada entre a autoestima e a rejeição da mãe ($r = -.45, p < .001$) e uma correlação positiva e forte entre a autoestima e a autoeficácia geral ($r = .63, p < .001$). Verificou-se ainda uma correlação positiva moderada entre a autoeficácia geral e o suporte emocional do pai ($r = .33, p = .002$), uma correlação positiva fraca entre a autoeficácia geral e o suporte emocional da mãe ($r = .28, p = .007$), uma correlação negativa moderada entre a autoeficácia geral e a rejeição do pai ($r = -.37, p = .002$) e uma correlação negativa fraca entre a autoeficácia geral e a rejeição da mãe ($r = -.26, p = .028$).

Preditores da Autoestima

Como se pode observar de acordo com as Tabela 7 e 8, realizou-se um modelo de regressão linear múltipla para verificar se as dimensões de parentalidade são preditores da autoestima, bem como para testar se esta relação é moderada pelo sexo do adolescente.

Tabela 7

Resumo do Modelo

<i>Modelo</i>	<i>R²</i>	<i>R² ajustado</i>	<i>Mudança de R²</i>	<i>Sig. Mudança F</i>	<i>F</i>
1	.418	.276	.418	.004	2.937

Tabela 8*Preditores da Autoestima*

Modelo	Coeficientes Padronizados		
	β	t	p
1 (Constante)		5.860	<.001
Suporte emocional pai	.381	.540	.592
Suporte emocional mãe	-.057	-.087	.931
Rejeição Pai	.017	.027	.979
Rejeição Mãe	-1.113	-1.503	.139
Sobreproteção Pai	.489	.563	.576
Sobreproteção Mãe	.098	.093	.926
Suporte Pai Sexo	-.317	-.287	.775
Suporte Mãe Sexo	.239	.203	.840
Rejeição Pai Sexo	-.149	-.183	.855
Rejeição Mãe Sexo	1.174	1.172	.247
Sobreproteção Pai Sexo	-.497	-.396	.694
Sobreproteção Mãe Sexo	-.469	-.309	.759

A regressão linear resultou num modelo estatisticamente significativo [$R^2 = .418$, $F(12,49) = 2.937$, $p < .005$] que explica 41.8% da variância da autoestima. No entanto, nenhuma das variáveis individuais relacionadas com a parentalidade se revelou como um preditor significativo da autoestima ($p > .05$).

Preditores da Autoeficácia Geral

Conforme as Tabelas 9 e 10, foi realizada uma regressão linear múltipla para avaliar se as dimensões da parentalidade são preditores da autoeficácia geral, bem como para testar se esta relação é moderada pelo sexo do adolescente .

Tabela 9

Resumo do Modelo

<i>Modelo</i>	<i>R²</i>	<i>R² ajustado</i>	<i>Mudança de R²</i>	<i>Sig. Mudança F</i>	<i>F</i>
1	.350	.191	.350	.026	2.203

Tabela 10

Preditores da Autoeficácia Geral

<i>Modelo</i>	<i>Coefficientes Padronizados</i>		
	<i>β</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
1 (Constante)		7.001	<.001
Suporte emocional pai	-1.266	-1.699	.096
Suporte emocional mãe	1.113	1.610	.114
Rejeição Pai	-.922	-1.355	.182
Rejeição Mãe	.213	.273	.786
Sobreproteção Pai	1.708	1.859	.069
Sobreproteção Mãe	-1.419	-1.278	.207
Suporte Pai × Sexo	2.719	2.333	.024
Suporte Mãe × Sexo	-2.439	-1.958	.056
Rejeição Pai × Sexo	1.039	1.208	.233
Rejeição Mãe × Sexo	-.424	-.400	.691
Sobreproteção Pai × Sexo	-2.673	-2.018	.049
Sobreproteção Mãe × Sexo	2.181	1.358	.181

A regressão linear resultou num modelo estatisticamente significativo [$R^2 = .350$, $F(12,49) = 2.203$, $p < .005$] que explica 35% da variância da autoeficácia geral. Os resultados revelaram um efeito de interação significativo Suporte Emocional Paterno $\times$ Sexo ($\beta = 2.719$, $t = 2.333$, $p < .05$) e Sobreproteção Paterna $\times$ Sexo ($\beta = 2.673$, $t = -2.018$, $p < .05$), revelando que a relação entre estas dimensões parentais e a autoeficácia geral é moderada pelo sexo do adolescente.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo geral investigar a relação dos estilos parentais com a autoestima e a autoeficácia geral nos adolescentes. O instrumento EMBU-MI avalia a frequência com que certas práticas parentais ocorrem na vida do adolescente. Neste sentido, os estilos e as práticas parentais estão intimamente interligados entre si, sendo as práticas parentais uma manifestação do estilo parental (Chao, 2000, Fletcher et al., 2008). Desta forma, os estilos parentais compreendem-se como um conjunto de atitudes e comportamentos contínuos, adotados pelos pais ao longo do tempo, que refletem em grande parte, os valores que os pais consideram importantes e que querem transmitir aos filhos através das suas práticas educativas (Darling & Steinberg, 1993; Mize & Pettit, 1997). Além do impacto que o estilo parental pode ter nas práticas dos pais, estudos anteriores demonstraram amplamente que o estilo parental também influencia os resultados de socialização da criança e do adolescente. Portanto, a relação entre os três componentes do processo de socialização entre estilo parental, prática parental e resultado na criança e adolescente pode ser mais complexa do que se espera (Bao et al., 2007, Baumrind, 1991, Lamborn et al., 1991). O primeiro objetivo específico deste estudo foi investigar a coerência entre mãe e pai nas dimensões da parentalidade. De acordo com os resultados obtidos, foi possível perceber que existe coerência entre a mãe e o pai nas dimensões de suporte emocional, rejeição e da sobreproteção. Neste sentido, verificou-se que os adolescentes percebem altos níveis de suporte emocional, baixos níveis de rejeição e níveis moderados de sobreproteção, tanto por parte do pai, quanto por parte da mãe. Além disso, foi igualmente possível perceber que existe uma correlação muito forte entre o suporte emocional do pai e o suporte emocional da mãe. A forte correlação sugere que os adolescentes percebem que ambos os pais oferecem um nível semelhante de apoio emocional. Esta consistência nas

dimensões da parentalidade pode refletir uma abordagem parental coesa, sendo que esta semelhança pode ser explicada pelo facto de que, na maioria das famílias, as mães e pais tendem a adotar estilos parentais semelhantes (Mileysky et al. 2008).

No entanto, foi possível verificar que existem diferenças significativas nas médias das dimensões quando analisadas separadamente para mãe e pai. Em particular, os resultados indicaram que as mães tendem a mostrar níveis mais altos de suporte emocional e de rejeição comparativamente aos pais, sendo esta diferença moderada. Além disso, na dimensão da sobreproteção os resultados mostram que os adolescentes percebem as mães como ligeiramente mais sobreprotetoras que os pais. Neste sentido, Maccoby & Martin (1983) ressaltam que as mães e os pais podem desempenhar papéis diferentes no comportamento parental. Segundo Holmbeck et al. (1995) as mães tendem a ser mais afetuosas e a fornecer mais apoio, ao mesmo tempo que podem ser vistas pelos filhos como mais intrusivas e sobreprotetoras. Por outro lado, os pais são muitas vezes considerados como mais distantes e menos afetuosos, optando por práticas disciplinares mais alinhadas com o estilo autoritário (Holmbeck, Paikoff, & Brooks-Gunn, 1995; Lamb, 2010). No entanto, outros estudos observaram que apesar da mãe e do pai desempenharem funções diferentes, estas complementam-se na educação dos filhos. As mães tendem a estar mais presentes e atentas às necessidades, desempenhando um papel mais contentor, enquanto os pais são mais protetores (Pakaluk & Price, 2020). De seguida, ao explorar se as dimensões da parentalidade variavam consoante o sexo do adolescente, os resultados não revelaram diferenças significativas tanto para o pai, como para a mãe. Contudo, a literatura refere que dado as mães e os pais terem funções distintas na família, as práticas de parentalidade durante a infância e a adolescência podem diferir consoante o sexo dos progenitores e dos adolescentes (Mastrotheodoros et al., 2019; McKinney & Renk, 2008). No entanto, a

investigação sobre a parentalidade de mães e pais em diversos contextos do desenvolvimento é limitada, e embora as diferenças de sexo na parentalidade serem teoricamente fundamentadas, devido à semelhança nos estilos parentais de mães e pais, muitos investigadores preferem usar pontuações combinadas das práticas parentais da mãe e do pai em vez de analisá-las separadamente (Russell et al., 1998).

Outro objetivo desta investigação foi compreender a relação entre a autoestima e a autoeficácia nos adolescentes. Os resultados evidenciaram uma correlação positiva e forte entre as duas variáveis, indicando que os adolescentes que apresentaram uma autoestima elevada também demonstraram uma elevada autoeficácia geral. Este resultado é consistente com a literatura, que aponta a autoestima como um fator precursor essencial para o desenvolvimento da autoeficácia (Bandura, 1997). Neste sentido, indivíduos com uma autoestima elevada e uma percepção consistente do seu próprio valor tendem a ser mais otimistas e, conseqüentemente, mais capazes de realizar tarefas (Enger et al. 1994; Griffiore et al. 1990). Em contrapartida, uma baixa autoestima está associada a sentimentos de inferioridade ou indignidade, podendo levar a uma percepção de incompetência, prejudicando a capacidade de atingir metas e desafios (Rosenberg, 1979). De seguida, foi igualmente analisado se existiam diferenças de sexo nos níveis de autoestima e de autoeficácia nos adolescentes. Os resultados indicaram que rapazes e raparigas apresentaram níveis idênticos de autoeficácia geral, e também que os rapazes apresentaram níveis mais elevados de autoestima que as raparigas. De acordo com a literatura, esta diferença pode justificar-se devido ao facto de as raparigas tenderem a ser mais críticas na sua autorreflexão e autoavaliação, resultando em pontuações mais baixas de autoestima em comparação com os rapazes (Bolognini et al., 1996). Esta diferença pode ser atribuída à diminuição da satisfação da imagem corporal e a outros problemas da puberdade, sendo a aparência física mais subvalorizada para as

raparigas, que frequentemente se sentem mais insatisfeitas com a sua aparência do que os rapazes (Coleman, 2011).

Procurou-se igualmente compreender a relação das dimensões da parentalidade na autoestima e na autoeficácia dos adolescentes. Os resultados mostraram-nos que tanto o suporte emocional da mãe como o do pai têm um impacto significativamente positivo na autoestima e na autoeficácia geral dos adolescentes. Estes resultados vão ao encontro da literatura, mostrando que pais que oferecem suporte emocional contribuem para que os adolescentes consigam manter uma autoestima mais saudável (Niaraki & Rahimi, 2013). O suporte emocional, ao envolver a adoção de práticas parentais que demonstram aceitação, afeto e calor parental (Peterson, 2005), reflete mensagens positivas que podem ser internalizadas, resultando numa melhor autoestima do adolescente (Felson & Zielinski, 1989; Plunkett et al., 2007). Adicionalmente, os resultados confirmaram também que um maior suporte emocional está associado a uma maior autoeficácia percebida pelos adolescentes, uma vez que o suporte emocional oferece uma base segura para que explorem o seu ambiente, sentindo-se mais seguros e confiantes para enfrentarem desafios e promovendo uma autoeficácia mais elevada (Peterson & Hann, 1999). Neste sentido, McKinney et al. (2011) e Milevsky et al. (2007) sugeriram que o estilo parental autoritativo, caracterizado por um elevado apoio emocional e controlo adequado está associado a uma autoestima mais elevada entre adolescentes e jovens adultos, uma vez que práticas parentais que envolvem suporte emocional e um nível adequado de controlo criam um contexto mais favorável para níveis mais elevados de autoestima nos adolescentes. Diversos estudos indicam que adolescentes que percebem os seus pais como autoritativos tendem a possuir maior autoeficácia e confiança nas suas capacidades, em contraste com aqueles que não vêem os pais como

autoritativos e que apresentam menor senso de autoeficácia (Boon, 2007; Ingoldsby et al., 2003; Juang & Silbereisen, 2002).

Na dimensão da rejeição, os resultados mostraram que há uma associação negativa e significativa entre a rejeição, tanto do pai quanto da mãe, e as dimensões da autoestima e da autoeficácia nos adolescentes. Esta associação negativa e significativa entre a rejeição parental e as dimensões da autoestima e autoeficácia nos adolescentes pode ser explicada pela importância crucial que a aceitação e o apoio dos pais tem no desenvolvimento emocional e psicológico dos jovens (Rohner & Lansford, 2017). Deste modo, quando os adolescentes percebem altos níveis de rejeição por parte da mãe e do pai, podem interpretar essas experiências como um reflexo do seu próprio valor e competência, resultando numa sensação de desvalorização e diminuição da autoestima (Harter, 1993; Tripathi & Jadon, 2017). Neste contexto, é perceptível que os pais autoritativos orientam frequentemente os seus filhos com uma abordagem positiva. Quando os filhos cometem erros, os pais autoritativos optam por abordar a situação de forma gentil, com base no diálogo e de forma a compreenderem a razão por trás do erro, explorando soluções em conjunto. Em contraste, os pais autoritários tendem a recorrer a críticas severas e a adotar uma comunicação hostil quando os filhos cometem erros, o que pode afetar a autoconfiança dos jovens (Kou, 2022). Já na dimensão da sobreproteção, não se observaram inicialmente correlações significativas com as variáveis da autoestima e da autoeficácia. No entanto, verificaram-se correlações positivas e significativas entre a sobreproteção e rejeição, tanto do pai como da mãe. Assim, é possível perceber que quanto maior a sobreproteção do pai e da mãe, maior a percepção de rejeição dos adolescentes. Nesse sentido, a sobreproteção pode ser interpretada pelos adolescentes como uma falta de confiança nas suas capacidades, fazendo com que estes se sintam rejeitados pelos pais (Segrin et al, 2012). Além disso,

quando os pais são excessivamente protetores, este envolvimento pode ser interpretado como intrusivo e indesejado, afetando a necessidade de autonomia do adolescente bem como invalidar o seu senso de competência (Van Petegem et al., 2020b).

Por último, um dos objetivos específicos do nosso estudo consistiu em compreender a relação das dimensões da parentalidade com a autoestima e a autoeficácia, procurando explorar se essa relação era moderada pelo sexo do adolescente. Embora os resultados do modelo de regressão linear múltipla para a autoestima indiquem que o modelo é estatisticamente significativo, explicando 41,8% da variância na autoestima, nenhuma das variáveis individuais de parentalidade e em interação com o sexo do adolescente se mostrou prever significativamente a autoestima. Estes resultados podem ser compreendidos à luz da literatura. Por um lado, a adolescência é um período de desenvolvimento em que o adolescente se afasta progressivamente dos pais e começa a experimentar uma maior independência (Steinberg, 2014). Nesse âmbito, vários estudos sugerem que o suporte social proveniente das relações com os pares e relações românticas é determinante para o desenvolvimento da autoestima na adolescência, sendo que estas interações positivas estão ligadas a níveis mais altos de pertença e aceitação (La Greca & Harrison, 2005). O adolescente começa a valorizar mais as experiências fora do ambiente familiar, ganhando mais autonomia, num processo de individualização que pode reduzir o impacto direto das práticas isoladas sobre a autoestima (Bluth et al., 2017; Karabanova & Poskrebysheva, 2013). Este desejo de autonomia leva os adolescentes a valorizar mais essas experiências externas, o que pode proporcionar um senso de independência e identidade, ampliando a compreensão e o desenvolvimento da autoestima para além do contexto familiar (Steinberg, 2008). Estes resultados do modelo de regressão podem também ser explicados pela complexidade inerente das relações entre a parentalidade e autoestima, indicando que múltiplos fatores

em conjunto, e não isoladamente, predizem a autoestima dos adolescentes. Neste sentido, vários estudos mostram que a autoestima dos adolescentes pode ser moderada por diversos fatores parentais como estilos parentais, comunicação e suporte emocional, mas esses fatores geralmente não são preditores significativos quando analisados isoladamente (Ruiz et al., 2019; Blos, 1962). Portanto, a falta de significância das variáveis individuais no modelo de regressão não nega a importância da parentalidade na formação e desenvolvimento da autoestima, mas sim enfatizam que a análise isolada de variáveis parentais pode não captar toda a complexidade de como essas práticas predizem singularmente a autoestima. No entanto, e ainda referente ao último objetivo específico, verificou-se que o modelo de regressão linear que examinou os preditores da autoeficácia geral se revelou estatisticamente significativo, explicando 35% da variância na autoeficácia geral. Os resultados mostraram que tanto o suporte emocional como a sobreproteção pelo pai preveem os níveis de autoeficácia de modo diferenciado para adolescentes do sexo feminino e masculino. Assim, o sexo do adolescente pode moderar a forma como os comportamentos parentais afetam a sua autoeficácia, o que é consistente com os resultados reportados por vários estudos. A literatura indica que os pais têm um impacto distinto nos seus filhos consoante o seu sexo, uma vez que rapazes e raparigas podem responder de forma diferente aos comportamentos parentais devido a expectativas sociais e aos processos de socialização de género (Pomerantz et al., 2004). No entanto, não são apenas as mães e os pais que podem ter perspetivas divergentes sobre a parentalidade, sendo que os adolescentes também podem ter visões e perspetivas diferentes das dos pais consoante o sexo do progenitor (Deković et al., 1997). Belsky (1984) destaca que o sexo do filho desempenha um papel determinante no comportamento dos pais. O sexo do adolescente pode ajudar a explicar porque razão os pais adotam determinados comportamentos, bem como de que forma isso influencia o

desenvolvimento dos filhos adolescentes. Neste sentido, alguns estudos têm demonstrado que a relação entre parentalidade autoritativa paterna e a autoeficácia é moderada pelo sexo dos adolescentes, sendo que os pais incentivam e encorajam mais a autonomia e a independência nos filhos, enquanto demonstram uma maior dependência e disposição para apoiar as filhas caso elas necessitem de suporte (Snow, Jacklin e Maccoby, 1983; Kail, 2010). Para além disso, segundo a teoria do papel recíproco (Siegal, 1987) os pais têm uma tendência maior do que as mães para diferenciar o tratamento dado aos rapazes e às raparigas, promovendo qualidades distintas como independência nos rapazes e, por outro lado, expressividade, empatia e cuidado nas raparigas. O tratamento diferenciado com base no sexo dos adolescentes pode influenciar a maneira como estes vivenciam a parentalidade (Updegraff et al., 2011; Endendijk et al., 2016). Embora o sexo possa ou não ser um preditor, a adoção de estereótipos de género pelos pais ao interagir com os filhos pode ter um impacto significativo no desenvolvimento emocional e psicológico dos adolescentes (Leaper, 2002; McHale et al., 2003). Assim, os pais demonstram uma maior distinção do que as mães na forma como disciplinam e controlam os seus filhos e filhas. Neste sentido, Baumrind (1991) argumenta que é essencial para os pais adotarem uma abordagem equitativa ao considerar as necessidades individuais de cada filho, independentemente do sexo. Ela enfatiza a importância de uma orientação sensível e adaptativa que leve em conta as características únicas da criança e do adolescente, a fim de facilitar um desenvolvimento saudável e positivo.

Por último, este estudo permitiu compreender melhor a relação das dimensões da parentalidade, do suporte emocional, rejeição e sobreproteção com a autoestima e a autoeficácia dos adolescentes. Os estudos destacam que estas dimensões tem um

impacto significativo na forma como os adolescentes se percebem a si mesmos e às suas capacidades (Jones et al., 2014; Silk et al., 2003).

Conclusão

Este estudo permitiu compreender melhor a forma como os estilos parentais estão relacionados com a autoestima e a autoeficácia dos adolescentes. Os resultados permitiram perceber de que modo estas dimensões estão associadas pelos comportamentos e estilos tanto da figura materna como da figura paterna. De acordo com os objetivos, o estudo permitiu igualmente compreender que apesar de haver coerência na parentalidade, existem também diferenças associadas à mãe e ao pai, bem como ao sexo do adolescente. No entanto, foi possível verificar algumas limitações no estudo, em primeiro lugar para determinar melhores relações de causalidade e de que forma os estilos parentais são a causa dos níveis mais altos ou baixos de autoestima e autoeficácia seria necessário efetuar um estudo longitudinal, de forma a entender melhor algumas relações de causalidade entre os estilos parentais e a autoestima e autoeficácia. Outra limitação do estudo é a falta do uso combinado de metodologias. Ao utilizar-se a metodologia quantitativa aliada à qualitativa, seria possível fornecer uma perspetiva mais abrangente da perceção dos adolescentes sobre os estilos e práticas parentais adotados pelos pais, bem como possíveis diferenças de interação consoante o sexo dos progenitores e dos adolescentes. Outra limitação a considerar de forma a tornar a amostra mais representativa, seria incluir outras variáveis como a etnia e o contexto socioeconómico, uma vez que estas podem ter influência tanto na parentalidade como no desenvolvimento do adolescente. Por último, os resultados desta investigação poderão também ter implicações importantes para a prática. No que diz respeito ao papel da intervenção do psicólogo neste tema, ele pode contribuir de diversas formas, nomeadamente, através de uma abordagem integrada como o aconselhamento ou a psicoterapia individualizada, que ajude os adolescentes a lidar com desafios inerentes desta fase, bem como a desenvolver estratégias para aprimorar e desenvolver a sua

autoestima e autoeficácia. Por último, pode igualmente contribuir através de programas de promoção de saúde para os pais, que tenham como objetivo fortalecer as competências parentais, assim como fornecer oportunidades aos pais para compreenderem melhor sobre questões relacionadas com a parentalidade e com o desenvolvimento do adolescente.

Referências

- Abramson, L. Y., Seligman, M. E. P., & Teasdale, J. D. (1978). Learned helplessness in humans: Critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology, 87*, 49–74.
- Adamsons, K., & Pasley, K. (2013). Refining identity theory to better account for relationships and context: Applications to fathering. *Journal of Family Theory & Review, 5*(3), 159-175.
- Araújo, M., & Moura, O. (2011). Estrutura factorial da general self-efficacy scale (escala de autoeficácia geral) numa amostra de professores portugueses. *Laboratório de Psicologia, 9*(1), 95-105.
- Arrindell, W.A., Emmelkamp, P.M.G., Monsma, A., & Brilman, E (1983). Psychiatric evaluation of an inventory for assessment of parental rearing practices. *Acta Psychiatrica Scandinavia, 67*, 163-177.
- Arrindell, W. A., & Van der Ende, J. (1984). Replicability and invariance of dimensions of parental rearing behaviour: Further Dutch experiences with the EMBU. *Personality and Individual Differences, 5*(6), 671-682.
- Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. E. (2000). Parenting style and adolescents achievement strategies. *Journal of Adolescence, 23*, 205-222.
- Bandura, A. (1993). Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. *Educational Psychologist, 28*(2), 117–148.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Bandura, A. (Ed.). (1995). *Self-efficacy in changing societies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

- Bao, Y., Fern, E. F., & Sheng, S. (2007). Parental style and adolescent influence in family consumption decisions: An integrative approach. *Journal of Business Research*, 60, 672–680.
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: Revisiting a neglected construct. *Child Development*, 67, 3296–3319. doi:10.1111/j.1467-8624.1996.tb01915.x
- Barber, B. K. (2002). Re-introducing parental psychological control. In B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 3-13). Washington, DC: American Psychological Association Press.
- Barber, B. K., & Harmon, E. L. (2002). Violating the self: Parental psychological control and youth problem behavior. In B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 53–96). Washington, DC: American Psychological Association. doi:10.1037/10422-002
- Barber, B. K., Stolz, H. E., Olsen, J. A., Collins, W. A., & Burchinal, M. (2005). Parental support, psychological control, and behavioral control: Assessing relevance across time, culture, and method. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 70, i-147.
- Barber, B. K. (2006). Reintroducing parental psychological control. In B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 3-13). Washington, DC: American Psychological Association.
- Barnes, G. M., & Farrell, M. P. (1992). Parental support and control as predictors of adolescent drinking, delinquency, and related problem behaviors. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 763–776.

- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Bashir, T. A. B. A. S. H. I. R. (2020). Parenting style and level of aspiration among adolescents. *International Journal of Applied Social Science*, 7(1), 1-7.
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D., Krueger, J. I., et al. (2003). Does high self-esteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest*, 4, 1–44.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887–907.
- Baumrind, D. (1967). Child-care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D., & Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38(2), 291-327.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4, 1–103.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56–95.
<https://doi.org/10.1177/02724316911111004>
- Baumrind, D. (2013). Is a pejorative view of power assertion in the socialization process justified? *Review of General Psychology*, 17, 420–427.
- Baumrind, D., Larzelere, R. E., & Owens, E. B. (2010). Effects of preschool parents' power: Assertive patterns and practices on adolescent development. *Parenting*, 10, 157–201.

- Bean, R. A., Barber, B. K., & Crane, D. R. (2006). Parental support, behavioral control, and psychological control among African American youth: The relationships to academic grades, delinquency, and depression. *Journal of Family Issues*, 27, 1335–1355.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Benito-Gomez, M., Williams, K. N., McCurdy, A., & Fletcher, A. C. (2020). Autonomy supportive parenting in adolescence: Cultural variability in the contemporary United States. *Journal of Family Theory and Review*, 12(1), 7–26.
<https://doi.org/10.1111/jftr.12362>
- Berg, B. (2011). The effects of parenting styles on a preschool aged child's social emotional development. *The Graduate School, University of Wisconsin-Stout*.
- Berzonsky, M. D., Cieciuch, J., Duriez, B., & Soenens, B. (2011). The how and what of identity formation: Associations between identity styles and value.
- Blos, P. (1962). *On adolescence: A psychoanalytic interpretation*. Free Press.
- Bluth, K., Campo, R. A., Futch, W. S., & Gaylord, S. A. (2017). Age and gender differences in the associations of self-compassion and emotional well-being in a large adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 46, 840–853. doi:10.1007/s10964-016-0567-2
- Bolognini, M., Plancherel, B., Bettschart, W., & Halfon, O. (1996). Self-esteem and mental health in early adolescence: Development and gender differences. *Journal of Adolescence*, 19, 233-245.

- Boon, H. J. (2007). Low-and high-achieving Australian secondary school students: Their parenting, motivations and academic achievement. *Australian Psychologist*, 42(3), 212–225.
- Bornstein, M. (2007). Parenting science and practice. In K. A. Renninger, I. E. Sigel, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Volume 4, Child psychology in practice* (pp. 893-949). New York: John Wiley & Sons.
- Bosma, H. A., & Kunnen, E. S. (2008). Identity-in-context is not yet identity development-in-context. *Journal of Adolescence*, 31(2), 281-289.
- Bowker, A. (2006). Relationship between sports participation and self-esteem during early adolescence. *The Canadian Journal of Behavioural Science*, 38(3), 214-229.
doi:10.1037/cjbs2006009
- Bradley, R. H. (2007). Parenting in the breach: How parents help children cope with developmentally challenging circumstances. *Parenting: Science & Practice*, 7, 99-148.
- Branje, S. J. T., Laursen, B., & Collins, W. A. (2012). Parent–child communication during adolescence. In A. L. Vangelisti (Ed.), *Routledge handbook of family communication* (Vol. 2, pp. 271–286). New York, NY: Routledge.
- Brenning, K., Soenens, B., Van Petegem, S., & Kins, E. (2017). Searching for the roots of overprotective parenting in emerging adulthood: Investigating the link with parental attachment representations using an Actor Partner Interdependence Model (APIM). *Journal of Child and Family Studies*, 26, 2299–2310. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0744-2>

- Breton, J.-J., Légaré, G., Laverdure, J., & D'Amours, Y. (1999). Santé mentale. In *Enquête sociale et de santé auprès des enfants et adolescents québécois 1999* (pp. 433-447). Québec: Institut de la Statistique du Québec.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (pp. 793-828). New York, NY: Wiley.
- Bydlowski, M. (2010). *Je rêve un enfant: L'expérience intérieure de la maternité*. Paris: Odile Jacob.
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*, 16(1), 5-18.
- Canavarro, M. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Carroll, J. S., Nelson, D. A., Yorgason, J. B., Harper, J. M., Ashton, R. H., & Jensen, A. C. (2010). Relational aggression in marriage. *Aggressive Behavior*, 36(5), 315-329.
<https://doi.org/10.1002/ab.20349>
- Chao, R. K. (2000). The parenting of immigrant Chinese and European American mothers: Relations between parenting styles, socialization goals, and parenting practices. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 21, 233-248.

- Chen, K., Lay, K., Wu, Y., & Yao, G. (2007). Adolescent self-identity and mental health: The function of identity importance, identity firmness, and identity discrepancy. *Chinese Journal of Psychology*, 49(1), 53.
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1998). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review*, 18(1), 47-85.
- Cooley, C. H. (1902). *Human nature and the social order*. New York: Scribner's.
- Council of Europe. (2008). *Parenting in contemporary Europe: A positive approach*. Strasbourg Cedex: Council of Europe Publishing.
- Coyne, S. M., Nelson, D. A., Carroll, J. S., Smith, N. J., Yang, C., Holmgren, H. G., & Johnson, C. (2017). Relational aggression and marital quality: A five-year longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 31(3), 282–293.
<https://doi.org/10.1037/fam0000274>
- Cre u, T. (2001). *Adolescence and its development context*. București: Editura Credis.
- Crocker, J., Brook, A. T., Niiya, Y., & Villacorta, M. (2006). The pursuit of self-esteem: Contingencies of self-worth and self-regulation. *Journal of Personality*, 74(6), 1749–1772.
- Crosswhite, J. M., & Kerpelman, J. L. (2009). Coercion theory, self-control, and social information processing: Understanding potential mediators for how parents influence deviant behaviors. *Deviant Behavior*, 30(6), 611–646.
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental psychopathology and family process*. New York, NY: The Guilford Press.

- Damon, W., & Hart, D. (1988). *Self understanding in childhood and adolescence*. Cambridge University Press, New York.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487–496.
- Davidov, M., & Grusec, J. E. (2006). Multiple pathways to compliance: Mothers' willingness to cooperate and knowledge of their children's reactions to discipline. *Journal of Family Psychology*, 20(4), 705-708. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.4.705>
- David Osher, Pamela Cantor, Juliette Berg, Lily Steyer & Todd Rose (2020). Drivers of human development: How relationships and context shape learning and development. *Applied Developmental Science*, 24(1), 6-36. <https://doi.org/10.1080/10888691.2017.1398650>
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2014). Autonomy and need satisfaction in close relationships: Relationships Motivation Theory. In N. Weinstein (Ed.), *Human motivation and interpersonal relationships* (pp. 53-73). Springer Netherlands.
- DeHart, T., Pelham, B. W., & Tennen, H. (2006). What lies beneath: Parenting style and implicit self-esteem. *Journal of Experimental Social Psychology*, 42, 1-17.
- Dekovic, M., Noom, M. J., & Meeus, W. (1997). Expectations regarding development during adolescence: Parental and adolescent perceptions. *Journal of Youth and Adolescence*, 26, 253–272. <https://doi.org/10.1007/s10964-005-0001-7>
- Eccles, J. S., Midgley, C., Wigfield, A., Buchanan, C. M., Reuman, D., Flanagan, C., & Maclver, D. (1993). The impact of stage environment on young adolescents' experiences in schools and in families. *American Psychologist*, 48, 90–101.

- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., van Berkel, S. R., Hallers-Haalboom, E. T., Mesman, J., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2016). Gender Differences in Child Aggression: Relations with Gender-Differentiated Parenting and Parents' Gender-Role Stereotypes. *Child Development, 88*(1), 299-316. doi:10.1111/cdev.12589
- Enger, J. M., Howerton, D. L., & Cobbs, C. R. (1994). Internal/external locus of control, self-esteem, and parental verbal interaction of at-risk Black male adolescents. *The Journal of Social Psychology, 134*(3), 269–274.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York, NY: Norton.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erickson, M. F., & Egeland, B. (1987). A developmental view of the psychological consequences of maltreatment. *School Psychology Review, 16*(2), 156-168.
- Euser, E. M., van IJzendoorn, M. H., Prinzie, P., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2010). Prevalence of child maltreatment in the Netherlands. *Child Maltreatment, 15*(1), 5–17. <https://doi.org/10.1177/1077559509345904>
- Faria, L., & Azevedo, A. S. (2004). Manifestações Diferenciais do Autoconceito no fim do Ensino Secundário Português. *Paidéia, 14*, 265-276. doi:10.1590/S0103-863X2004000300003
- Felson, R. B., & Zielinski, M. A. (1989). Children's self-esteem and parental support. *Journal of Marriage and the Family, 51*, 727–735. doi:10.2307/352171
- Felson, R., & Zielinski, M. (1989). Children's self-esteem and parental support. *Journal of Marriage and the Family, 51*, 727-735.

- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2006). Adolescentes...Adolescentes. *Revista Millenium*, 32, 141-162.
- Ferry, T. R., Fouad, N. A., & Smith, P. L. (2000). The role of family context in a social cognitive model for career-related choice behavior: A math and science perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 57(3), 348–364.
<https://doi.org/10.1006/jvbe.1999.1743>
- Flammer, A. (1995). Developmental analysis of control beliefs. In A. Bandura (Ed.), *Self-efficacy in changing societies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Fleming, M. (1993). Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico. Porto: Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). Adolescent autonomy: desire, achievement and disobeying peers between early and late adolescence. *Australian Journal of Education and Developmental Psychology*, 5, 1-16.
- Fletcher, A. C., Walls, J. K., Cook, E. C., Madison, K. J., & Bridges, T. H. (2008). Parenting style as a moderator of associations between maternal disciplinary strategies and child well-being. *Journal of Family Issues*, 29, 1724–1744.
- Ford, D. H., & Lerner, R. M. (1992). *Developmental systems theory: An integrative approach*. Sage Publications, Inc.
- Gesinde, A. M., & Sanu, O. J. (2015). Psycho-demographic correlates of behaviour towards seeking counselling intervention among workers in Lagos, Nigeria. *British Journal of Guidance & Counselling*, 43(5), 570–583. doi:10.1080/03069885.2014.999025

- Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L., Steinberg, L., & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68(3), 507-529.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Eds.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 21-60). Campinas: Alínea.
- Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (2000). The timing of divorce: Predicting when a couple will divorce over a 14-year period. *Journal of Marriage and Family*, 62(3), 737-745. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00737.x>
- Gray, M. R., & Steinberg, L. (1999). Unpacking authoritative parenting: Re-assessing a multidimensional construct. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 574-58
- Griffore, R. J., Kallen, D. J., Popovich, S., & Powell, V. (1990). Gender differences in correlates of college students' self-esteem. *College Student Journal*, 24, 287-291.
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56, 415-428. <https://doi.org/10.2307/1129730>
- Grusec, J.E., Goodnow, J.J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analysis of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71(1), 205-211.
- Gryczkowski, M. R., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2010). Differential relations between mothers' and fathers' parenting practices and child externalizing behavior. *Journal of Child and Family Studies*, 19(5), 539-546. <https://doi.org/10.1007/s10826-009-9326-2>

- Gulliford, H., Deans, J., Frydenberg, E., & Liang, R. (2015). Teaching coping skills in the context of positive parenting within a preschool setting. *Australian Psychologist*, 50(3), 219-231.
- Gullotta, T. P. (2000). *Adolescent experience*. San Diego: Academic.
- Hancock Hoskins, D. (2014). Consequences of parenting on adolescent outcomes. *Societies*, 4(3), 506-531. <https://doi.org/10.3390/soc4030506>
- Harter, S. (2011). Self-development during adolescence. In L. J. Crockett & R. K. Silbereisen (Eds.), *Encyclopedia of adolescence* (Vol. 1, pp. 307–315). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-373951-3.00036-3>
- Harter, S., Waters, P., & Whitesell, N. R. (1998). Relational self-worth: Differences in perceived worth as a person across interpersonal contexts among adolescents. *Child Development*, 69(3), 756–766. doi:10.2307/1132202
- Heaven, P., & Ciarrochi, J. (2008). Parental styles, gender and the development of hope and self-esteem. *European Journal of Personality*, 22, 707–724.
- Herz, L., & Gullone, E. (1999). The relationship between self-esteem and parenting style: A cross-cultural comparison of Australian and Vietnamese Australian adolescents. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 30, 742-761.
- Hill, J. P., & Lynch, M. E. (1983). The intensification of gender-related role expectations during early adolescence. In J. Brooks-Gunn & A. C. Petersen (Eds.), *Girls at puberty* (pp. 201–228). New York, NY: Plenum Press. https://doi.org/10.1007/978-1-4899-0354-9_10

- Hoeve, M., Dubas, J. S., Eichelsheim, V. I., van der Laan, P. H., Smeenk, W., & Gerris, J. R. (2009). The relationship between parenting and delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 749–775.
- Hoghughi, M. (2004). Parenting: An introduction. In M. Hoghughi & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 1-18). London: Sage.
- Holmbeck, G. N., Paikoff, R. L., & Brooks-Gunn, J. (1995). Parenting adolescents. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 1, pp. 91-118). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Horn, A., Silva, K., & Patias, N. (2020). Estilos e práticas educativas parentais e desempenho escolar em adolescentes de ensino médio. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 168-186. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.50795>
- Hoskins, D. (2014). Consequences of parenting on adolescent outcomes. *Societies*, 4, 506-531. <https://doi.org/10.3390/soc4030506>
- Hossain, S., Huq, S., Adhikari, B., Zai, S., & Haque, S. (2015). Parenting skills and child behavior: A cross-sectional study in some selected areas of Nepal. *South East Asia Journal of Public Health*, 5(1), 44-48. doi:10.3329/seajph.v5i1.24851
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton & M. C. P. Silva (Eds.), *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Huang, Y., Pan, J., & Zhang, R. (2024). A review of the impact of parenting styles on adolescents' self-esteem. *Journal of Education, Humanities and Social Sciences*, 26, 869-873.

- Ingoldsby, B., Schvaneveldt, P., Supple, A., & Bush, K. (2004). The relationship between parenting behaviors and adolescent achievement and self-efficacy in Chile and Ecuador. *Marriage and Family Review*, 35(3-4), 139–159.
- Jacobs, J. E., & Eccles, J. S. (1992). The impact of mothers' gender role stereotypic beliefs on mothers' and children's ability perceptions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(6), 932.
- Johnson, L. E., & Kelley, H. M. (2011). Permissive parenting style. In S. Goldstein & A. J. Nagliere (Eds.), *Encyclopedia of child behavior and development* (pp. 1080-1090). New York: Springer.
- Johnson, M. M. (1975). Fathers, mothers and sex typing. *Sociological Inquiry*, 45(1), 15–26.
<https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.1975.tb01210.x>
- Juang, L. P., & Silbereisen, R. K. (2002). The relationship between adolescent academic capability beliefs, parenting and school grades. *Journal of Adolescence*, 25(1), 3–18.
- Judge, T. A., Erez, A., Bono, J. E., & Thoresen, C. J. (2002). Are measures of self-esteem, neuroticism, locus of control, and generalized self-efficacy indicators of a common core construct? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 693–710. doi: 10.1037/0022-3514.83.3.693
- Kail, R. V. (2010). *Children and their development*. USA: Upper Saddle River.
- Karabanova, O. A., & Poskrebysheva, N. N. (2013). Adolescent autonomy in parent-child relations. *Procedia Social and Behavioural Sciences*, 86, 621–628.

- La Greca, A. M., & Harrison, H. M. (2005). Adolescents' peer relationships and social anxiety: The role of the peer group in social development. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 34(2), 254-263.
- Lamb, M. E. (Ed.). (2010). *The Role of Fathers in Child Development* (5ª ed.). Wiley.
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of Child Psychology: Vol. IV. Socialization, Personality and Social Development* (4th Ed., pp. 1-101). New York: Wiley.
- Maccoby, E. M. (1990). *Social Development: Psychological Growth and the Parent-child Relationship*. New York, NY: Harcourt Brace Jovanovich.
- Mallinckrodt, B., & Wei, M.-F. (2000, June). Attachment, social competencies, social support and characteristic patterns of interpersonal problems. In B. M. Straus (Chair). *Relationship of attachment, interpersonal perceptions and problems*. Symposium presented at the annual conference of the Society for Psychotherapy Research, Chicago.
- Marcelli, D., & Braconnier, A. (2007). *Adolescência e Psicopatologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Spear, H. J., & Kulbok, P. (2004). Autonomy and adolescence: A concept analysis. *Public Health Nursing*, 21(2), 144-152.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551-558. <https://doi.org/10.1037/h0023281>.

- Martínez, I., & García, J. F. (2007). Impact of parenting styles on adolescents' self-esteem and internalization of values in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, 10(2), 338–348.
- Martinez, I., Garcia, F., Fuentes, M. C., Veiga, F., Garcia, O. F., Rodrigues, Y., Cruise, E., & Serra, E. (2019). Researching parental socialization styles across three cultural contexts: Scale ESPA29 bi-dimensional validity in Spain, Portugal, and Brazil. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(2), 197.
<https://doi.org/10.3390/ijerph16020197>.
- Mastrotheodoros, S., Van der Graaff, J., Deković, M., Meeus, W. H., & Branje, S. J. (2019). Coming closer in adolescence: Convergence in mother, father, and adolescent reports of parenting. *Journal of Research on Adolescence*, 29(4), 846–862.
<https://doi.org/10.1111/jora.12417>.
- McHale, S. M., Crouter, A. C., & Whiteman, S. D. (2003). The Family Contexts of Gender Development in Childhood and Adolescence. *Social Development*, 12(1), 125–148.
doi:10.1111/1467-9507.00225.
- McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and fathers: Implications for late adolescents. *Journal of Family Issues*, 29(6), 806–827.
<https://doi.org/10.1177/0192513X07311222>.
- McKinney, C., & Renk, K. (2011). A multivariate model of parent-adolescent relationship variables in early adolescence. *Child Psychiatry & Human Development*, 42, 442–462.
doi: 10.1007/s10578-011-0228-3.

- McKinney, C., Milone, M., & Renk, K. (2011). Parenting and late adolescent emotional adjustment: Mediating effects of discipline and gender. *Child Psychiatry & Human Development*, 42, 463-481.
- Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (2009). Questionário de estilos e dimensões parentais—versão reduzida: adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire—Short Form. *Psychologica*, (51), 169-188.
- Mikulincer, M., Shaver, P. R., & Pereg, D. (2003). Attachment theory and affect regulation: The dynamics, development, and cognitive consequences of attachment-related strategies. *Motivation and Emotion*, 27, 77-102. <http://doi.org/gns>.
- Milevsky, A., Schlechter, M., Klem, L., & Kehl, R. (2008). Constellations of maternal and paternal parenting styles in adolescence: Congruity and well-being. *Marriage & Family Review*, 44, 81–98.
- Milevsky, A., Schlechter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 39-47.
- Mize, J., & Pettit, G. S. (1997). Mothers' social coaching, mother-child relationship style, and children's peer competence: Is the medium the message? *Child development*, 312-332.
- Mogonea F. (2010). *Formarea competentei de autoevaluare la elevii de liceu*. Craiova: Editura Universitaria.
- Mogonea, F. R., & Mogonea, F. (2014). The role of the family in building adolescents' self-esteem. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 127, 189-193.

- Mrazek, P. (1993). Maltreatment and infant development. In C. Zeanah (Ed.), *Handbook of infant mental health* (pp. 159–170). New York: Guilford Press.
- Negovan, V. (2010). *Learning psychology, 2nd ed., revised and completed*. București: Editura Universitară.
- Nelson, D. A., & Crick, N. R. (2002). Parental psychological control: Implications for childhood physical and relational aggression. In B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 161–189). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10422-006>.
- Nelson, L. J., Padilla-Walker, L. M., Christensen, K. J., Evans, C. A., & Carroll, J. S. (2011). Parenting in emerging adulthood: An examination of parenting clusters and correlates. *Journal of Youth and Adolescence*, 40, 730–743. doi: 10.1007/s10964-010-9584-8.
- Niaraki, F. R., & Rahimi, H. (2013). The impact of authoritative, permissive and authoritarian behavior of parents on self-concept, psychological health and life quality. *European Online Journal of Natural and Social Sciences*, 2(1), 78-85.
- Nyarko, K. (2011). The influence of authoritative parenting style on adolescents' academic achievement. *American Journal of Social and Management Sciences*, 2(3), 278-282.
- O'Connor, T. (2006). The persisting effects of early experiences on psychological development. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology*, V.
- O'Connor, T. G., & Scott, S. B. C. (2007). *Parenting and outcomes for children*. London: Joseph Rowntree Foundation.

- Ogbu, J. U. (1995). Origins of Human Competence: A Cultural-Ecological Perspective. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *The culture and psychology reader* (pp. 245-252).
- Okrodudu G. (2010). Influence of parenting styles on adolescent delinquency in Delta Central Senatorial District. *EDO Journal of Counselling*, 3, 58–86.
- Okunlola, O., Gesinde, A., & Odukoya, A. (2020). Parenting Styles and Self-Esteem Of Adolescents: A Systematic Review. *Proceedings of INTCESS 2020 - 7th International Conference on Education and Social Sciences*, 7, 1341–1347.
- Omer, H., Satran, S., & Driter, O. (2016). Vigilant care: An integrative reformulation regarding parental monitoring. *Psychological Review*, 123, 291–304.
<https://doi.org/10.1037/rev0000024>.
- Organização Mundial de Saúde. (2009). Child and adolescent health and development. Genebra: OMS. <http://www.who.int/child-adolescent-health/>
- Pakaluk, C. R., & Price, J. (2020). Are mothers and fathers interchangeable caregivers? *Marriage & Family Review*, 56(8), 784–793.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219. <https://doi.org/10.1159/000078723>
- Peterson, G. W. (2005). Family influences on adolescent development. In T. P. Gullotta & G. R. Adams (Eds.), *Handbook of adolescent behavioral problems: Evidence-based approaches to prevention and treatment* (pp. 27–55). New York: Springer.

- Peterson, G. W., & Hann, D. (1999). Socializing children and parents in families. In M. B. Sussman, S. K. Steinmetz, & G. W. Peterson (Eds.), *Handbook of marriage and the family* (2nd ed., pp. 327–370). New York: Plenum.
- Pettit, G., Bates, J., & Dodge, K. (1997). Supportive Parenting, Ecological Context, and Children's Adjustment: A Seven-Year Longitudinal Study. *Child Development*, 68, 908–923.
- Pianta, R., Egeland, B., & Erickson, M. F. (1989). The antecedents of maltreatment: Results of the mother-child interaction research project. In R. D. Peters & R. J. McMahon (Eds.), *Child maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (pp. 203–253). New York: Guilford Press.
- Pinquart, M., & Gerke, D. C. (2019). Associations of parenting styles with self-esteem in children and adolescents: A meta-analysis. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 2017–2035. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01464-1>
- Plunkett, S. W., Henry, C. S., Robinson, L. C., Behnke, A., & Falcon, P. C., III (2007a). Adolescent perceptions of parental behaviors, adolescent self-esteem, and adolescent depressed mood. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 760–772. <https://doi.org/10.1007/s10826-006-9123-0>
- Plunkett, S. W., Williams, S., Schock, A., & Sands, T. (2007b). Parenting and adolescent self-esteem in Latino intact families, stepfather families, and single-mother families. *Journal of Divorce and Remarriage*, 47(3/4), 1–20. https://doi.org/10.1300/J087v47n03_01

- Pomerantz, E. M., Ng, F. F. -Y., & Wang, Q. (2004). Gender socialization: A parent-child model. In A. H. Eagly, A. E. Beall, & R. J. Sternberg (Eds.), *The psychology of gender* (2nd ed., pp. 120–144). New York, NY: Guilford Press.
- Qamar, A., Parveen, Q., & Yousuf, M. I. (2017). Relationship between parenting styles and academic self-efficacy of students. *The Anthropologist*, 28(1–2), 123–129.
<https://doi.org/10.1080/09720073.2017.1316611>
- Querido, J. G., Warner, T. D., & Eyberg, S. M. (2002). Parenting styles and child behavior in African American families of preschool children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 31, 272–277.
- Quiles, M. J., & Espada, J. P. (2009). *Educar para a autoestima: Propostas para a escola e para o tempo livre* (2ª Ed.). Sintra: K Editora.
- Ragelienė, T. (2016). Links of adolescents identity development and relationship with peers: A systematic literature review. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 25(2), 97.
- Rahman, O. A., Nadira, N., & Kamaruzaman, S. Z. (2017). The Relationship Between Parenting Style and Self-Concept. *Journal of Education and Social Sciences*, 7(1), 190–194.
- Rana, & Shirali. (2010). Identity and family functioning link: An investigation of Indian youth. *Journal of Psychology*, 36, 266–271.
- Reed, A., Snyder, J., Staats, S., Forgatch, M. S., DeGarmo, D. S., Patterson, G. R., ... & Schmidt, N. (2013). Duration and mutual entrainment of changes in parenting practices

engendered by behavioral parent training targeting recently separated mothers. *Journal of Family Psychology*, 27(3), 343-354. <http://dx.doi.org/10.1037/a0032887>

Riding, R. J., & Rayner, S. G. (2001). *International Perspectives on Individual Differences (Vol. 2 – Self Perception)*. Westport: British Library Cataloging.

Robins, R. W., Trzesniewski, K. H., Tracy, J. L., Gosling, S. D., & Potter, J. (2002). Global self-esteem across the life span. *Psychology and Aging*, 17, 423-434.

Rohner, R. P. (1986). *The warmth dimension: Foundations of parental acceptance-rejection theory*. Beverly Hills, CA: SAGE.

Rohner, R. P. (2018). Introduction to interpersonal acceptance-rejection theory (IPARTheory), methods, evidence, and implications. Retrieved from www.csiaar.uconn.edu

Rohner, R. P., & Khaleque, A. (2010). Testing central postulates of parental acceptance-rejection theory (PARTheory): A meta-analysis of cross-cultural studies. *Journal of Family Theory & Review*, 3, 73-87.

Rohner, R. P., & Lansford, J. E. (2017). "Deep structure of the human affectional system: Introduction to Interpersonal Acceptance-Rejection Theory (IPARTheory) and evidence." *Journal of Family Theory & Review*, 9(4), 426-440.

Rohner, R. P., & Smith, R. L. (in press). Parental acceptance-rejection. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (3rd ed., Vol. 4). NY: Routledge.

Rollins, B. C., & Thomas, D. L. (1979). Parental support, power, and control techniques in the socialization of children. In W. R. Burr, R. Hill, F. I. Nye, & I. L. Reiss (Eds.), *Contemporary theories about the family*. London: The Free Press.

- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Basic Books.
- Rothenberg, W. A., Lansford, J. E., Bornstein, M. H., Uribe Tirado, L. M., Yotanyamaneewong, S., Alampay, L. P., ... Steinberg, L. (2021). Cross-cultural associations of four parenting behaviors with child flourishing: Examining cultural specificity and commonality in cultural normativeness and intergenerational transmission processes. *Child Development*, 92(6), e1138–e1153.
<https://doi.org/10.1111/cdev.13634>
- Ruiz, N. F. O., Simón, M. M., & Saracosti, M. (2019). Parenting practices, life satisfaction, and the role of self-esteem in adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(20), 4045.
- Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H., & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50(2), 89–99. <https://doi.org/10.1080/00049539808257539>.
- Ryan, J., Roman, N. V., & Okwany, A. (2015). The effects of parental monitoring and communication on adolescent substance use and risky sexual activity: A systematic review. *Open Family Studies Journal*, 7, 12–27. doi: 10.2174/1874922401507010012
- Santos, A. D., & Carvalho, C. V. (2006). Gravidez na adolescência: Um estudo exploratório. *Boletim de Psicologia*, LVI, 135-151. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0006-5943&lng=pt

- Sarwar, S. (2016). Influence of parenting style on children's behaviour. *Journal of Education and Educational Development*, 3(2).
- Savickas, M. L. (2005). The Theory and Practice of Career Construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42–70). John Wiley & Sons, Inc..
- Savitha, K., & Venkatachalam, J. (2016). Perceived Parenting Styles and Personality Factors—A Study. *International Journal of Indian Psychology*, 3(4), 21-33.
- Sawyer, S. M., Azzopardi, P. S., Wickremarathne, D., & Patton, G. C. (2018). The age of adolescence. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 2(3), 223-228.
[http://dx.doi.org/10.1016/S2352-4642\(18\)30022-1](http://dx.doi.org/10.1016/S2352-4642(18)30022-1)
- Schaefer, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: An inventory. *Child Development*, 36, 413–424.
- Schneewind, K. A. (1995). Impact of family processes on control beliefs. In A. Bandura (Ed.), *Self-efficacy in changing societies* (pp. 114–148). Cambridge, UK: University of Cambridge Press.
- Schunk, D. H., & Meece, J. L. (2006). Self-efficacy development in adolescence. *Self-efficacy beliefs of adolescents*, 5(1), 71-96.
- Shaw, D. S., Keenan, K., & Vondra, J. I. (1994). Developmental precursors of externalizing behavior: Ages 1 to 3. *Developmental Psychology*, 30, 355–364.
- Siegal, M. (1987). Are sons and daughters treated more differently by fathers than by mothers? *Developmental Review*, 7, 183–209.

- Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother–father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of family issues*, 28(2), 212-241.
- Silk, J. S., Morris, A. S., Kanaya, T., & Steinberg, L. (2003). Psychological control and autonomy granting: Opposite ends of a continuum or distinct constructs? *Journal of Research on Adolescence*, 13(1), 113-128.
- Skinner, E., Johnson, S., & Snyder, T. (2005). Six dimensions of parenting: A motivational model. *Parenting: Science and Practice*, 5, 175–235.
doi:10.1207/s15327922par0502_3.
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and conceptions of parental authority during adolescence. *Child Development*, 66, 299–316. doi:10.1111/j.1467-8624.1995.tb00872.x
- Smetana, J. G. (2011). *Adolescents, families, and social development: How teens construct their worlds*. Chichester, UK: Wiley-Blackwell.
- Smetana, J. G. (2017). Current research on parenting styles, dimensions, and beliefs. *Current Opinion in Psychology*, 15, 19–25.
- Smith, G. J. (2007). Parenting effects on self-efficacy and self-esteem in late adolescence and how those factors impact adjustment to college. Online Submission.
- Snow, M. E., Jacklin, C. N., & Maccoby, E. E. (1983). Sex-of-child differences in father-child interaction at one year of age. *Child Development*, 54, 227-232.

- Soenens, B., Deci, E. L., & Vansteenkiste, M. (2017). How parents contribute to children's psychological health: The critical role of psychological need support. In *Development of self-determination through the life-course* (pp. 171-187).
- Soenens, B., Vansteenkiste, M., & Beyers, W. (2019). Parenting adolescents. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (pp. 111-167). Routledge.
- Soenens, B., Vansteenkiste, M., Luyten, P., Duriez, B., & Goossens, L. (2005). Maladaptive perfectionistic self-representations: The mediational link between psychological control and adjustment. *Personality and Individual Differences*, 38, 487-498.
- Sorkhabi, N., & Middaugh, E. (2014). How variations in parents' use of confrontive and coercive control relate to variations in parent-adolescent conflict, adolescent disclosure, and parental knowledge: Adolescents' perspective. *Journal of Child and Family Studies*, 23, 1227-1241.
- Steinberg, L. (1990). Autonomy, conflict, and harmony in the family relationship. In S. S. Feldman & G. R. Elliot (Eds.), *At the Threshold: The developing Adolescent* (pp. 255-276). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 1-19. <https://doi.org/10.1111/1532-7795.00001>
- Steinberg, L. (2005). Psychological control: Style or substance? *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 71-78.
- Steinberg, L. (2008). *A Social Neuroscience Perspective on Adolescent Risk-Taking*. *Developmental Review*, 28(1), 78-106.

- Steinberg, L. (2014). *Age of Opportunity: Lessons from the New Science of Adolescence*. Houghton Mifflin Harcourt.
- Steinberg, L., Elmen, J. D., & Mounts, N. S. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success in adolescents. *Child Development*, 60, 1424–1436.
- Steinberg, L., Mounts, N., Lamborn, S., & Dornbusch, S. (1991). Authoritative parenting and adolescent adjustment across various ecological niches. *Journal of Research on Adolescence*, 1, 19-36.
- Strey, M. N. (2005). Gênero. In M. G. C. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, & P. A. Guareschi (Eds.), *Psicologia Social Contemporânea* (pp. 180-197). Rio de Janeiro: Vozes.
- Swenson, R. R., & Prelow, H. M. (2005). Ethnic identity, self-esteem, and perceived efficacy as mediators of the relation of supportive parenting to psychosocial outcomes among urban adolescents. *Journal of Adolescent*, 28(4), 465-477.
- Tam, C., Chong, A., Kadirvelu, A., & Khoo, Y. (2012). Parenting styles and self-efficacy of adolescents: Malaysian scenario. *Global Journal of Human Social Science Arts & Humanities*, 12(14), 19–25.
- Tavassolie, T., Dudding, S., Madigan, A. L., Thorvardarson, E., & Winsler, A. (2016). Differences in perceived parenting style between mothers and fathers: Implications for child outcomes and marital conflict. *Journal of Child and Family Studies*, 25(6), 2055–2068.

- Tobach, E., & Schneirla, T. C. (1968). The biopsychology of social behavior of animals. In R. E. Cooke & S. Levin (Eds.), *Biologic basis of pediatric practice*. New York: McGraw-Hill.
- Tripathi, S., & Jadon, P. S. (2017). Effect of authoritarian parenting style on self-esteem of the child: A systematic review. *International Journal of Advanced Research and Innovative Ideas in Education*, 3, 909-913.
- van Ijzendoorn, M. H., Huffmeijer, R., Alink, L. R. A., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Tops, M. (2011). The impact of oxytocin administration on charitable donating is moderated by experiences of parental love-withdrawal. *Frontiers in Psychology*, 2, 258.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2011.00258>
- Van Petegem, S., Antonietti, J. P., Eira Nunes, C., et al. (2020). The relationship between maternal overprotection, adolescent internalizing and externalizing problems, and psychological need frustration: A multi-informant study using response surface analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 49, 162–177.
<https://doi.org/10.1007/s10964-019-01126-8>
- Vansteenkiste, M., & Soenens, B. (2015). Vitamines voor groei: Ontwikkeling voeden vanuit de zelf-determinatie theorie [Vitamins for psychological growth: A self-determination theory perspective on support for children's development]. Leuven, Belgium: Acco.
- Waterman, A. S. (1982). Identity development from adolescence to adulthood: An extension of theory and a review of research. *Developmental Psychology*, 18(3), 341.
- Weiss, J. H. G. (2011). *The Role of Parenting Styles in the Development of Self-Esteem in Adolescents*. *Journal of Adolescence Research*, 26(2), 138-159.

- Williams, L. R., Degnan, K. A., Perez-Edgar, K. E., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., & Fox, N. A. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 1063–1075.
- Wolfradt, U., Hempel, S., & Miles, J. N. V. (2003). Perceived parenting styles, depersonalization, anxiety and coping behavior in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34(3), 521–532.
- Yap, M. B. H., Pilkington, P. D., Ryan, S. M., & Jorm, A. F. (2014). Parental factors associated with depression and anxiety in young people: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 156, 8–23. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.11.007>
- Yeung, J. W. K., Cheung, C.-K., Kwok, S. Y. C. L., & Leung, J. T. Y. (2016). Socialization effects of authoritative parenting and its discrepancy on children. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 1980–1990.
- Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470.
- Zupančič, M., Podlesek, A., & Kavčič, T. (2004). Parental child-care practices of Slovenian preschoolers' mothers and fathers: The Family Environment Questionnaire. *Psihološka Obzorja*, 13(3), 7-26.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Consentimento informado para os Pais e Encarregados de Educação

Anexo B - Consentimento informado

Anexo C - Questionário Sociodemográfico

Anexo D - Questionário EMBU

Anexo E - Questionário de A-E de Rosenberg

Anexo F – Escala de Autoeficácia Geral (GSE)

Anexo G – Consentimento informado

Anexo A



Consentimento informado para os Pais e Encarregados de Educação

Exmos. Pais e Encarregados de Educação,

Eu, Catarina Rafaela Almeida Cardoso, no âmbito do mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Lusíada de Lisboa, a realizar a dissertação de mestrado sobre o tema “Estilos Parentais, Autoestima e Autoeficácia nos Adolescentes”, com orientação do Professor Doutor Miguel Freitas, venho solicitar a sua colaboração do seu educando/filho para a participação neste estudo.

O estudo incide em adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, através da resposta a um questionário composto por dados sociodemográficos e sobre Estilos Parentais.

A recolha e tratamento dos dados destina-se única e exclusivamente para fins académicos sendo a sua recolha anónima e confidencial. Sendo a sua autorização crucial para a elaboração deste trabalho.

A participação do seu educando é voluntária, podendo a qualquer momento interromper a sua participação sem qualquer juízo.

Agradeço antecipadamente a sua disponibilidade e colaboração.

Autorizo __ **Não autorizo** __, o meu educando a participar no estudo “Estilos Parentais, Autoestima, Autoeficácia nos adolescentes”

Anexo B**Consentimento informado**

Eu, Catarina Rafaela Almeida Cardoso, no âmbito do mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Lusíada de Lisboa, a realizar a dissertação de mestrado sobre o tema “Estilos Parentais, Autoestima e Autoeficácia nos Adolescentes”, com orientação do Professor Doutor Miguel Freitas, venho solicitar a tua colaboração para a participação neste estudo.

O estudo incide em adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, através da resposta a um questionário composto por dados sociodemográficos e sobre Estilos Parentais.

A recolha e tratamento dos dados destina-se única e exclusivamente para fins académicos sendo a sua recolha anónima e confidencial.

A sua participação é voluntária, podendo a qualquer momento interromper a sua participação sem qualquer juízo.

Agradeço antecipadamente a sua disponibilidade e colaboração.

Anexo C - Questionário Sociodemográfico**SECÇÃO I**

1. **Género:** Masculino ___ Feminino ___
2. **Qual o teu ano de escolaridade?**
7ºano ___ 8ºano ___ 9ºano ___ 10ºano ___ 11ºano ___ 12ºano ___
3. **Qual é a tua idade?** _____

SECÇÃO II**Com quem vives?**

- ___ Família Nuclear (Só os pais)
- ___ Família Nuclear e alargada
- ___ Família alargada (só com avós/tios ...)

Com quantas pessoas vives no total? _____

2. Estado civil dos teus pais

- ___ Casados/vivem juntos
- ___ Separados/divorciados/viúvos
- ___ Nunca viveram juntos

3. Escolaridade e Profissão do teu pai e da tua mãe**Pai**

- ___ Sem escolaridade;
- ___ Sabe ler e escrever, mas não completou escolaridade
- ___ 1.º ciclo do ensino básico (4.ª classe);
- ___ 2.º ciclo do ensino básico (5º/6º ano)
- ___ 3.º ciclo do ensino básico (7º ao 9.º ano);
- ___ Ensino secundário (10º ao 12.º ano)
- ___ Curso superior (bacharelato, licenciatura, mestrado ou doutoramento)

Qual a profissão do teu pai? _____

Mãe

___ Sem escolaridade;

___ Sabe ler e escrever, mas não tem escolaridade

___ 1.º ciclo do ensino básico (4.ª classe);

___ 2.º ciclo do ensino básico (5º/6º ano)

___ 3.º ciclo do ensino básico (7º ao 9.º ano);

___ Ensino secundário (10º ao 12.º ano)

___ Curso superior (bacharelato, licenciatura, mestrado ou doutoramento)

Qual a profissão da tua mãe? _____

4. Tens irmãos? Não ___ Sim ___ quantos? _____

Anexo D - Questionário EMBU

EMBU

(C. Perris, L. Jacobsson, H. Lindstrom, L. Von Knorring & H. Perris; 1984)
Versão Portuguesa: M.C. Canavarro, 1997

Memórias de Infância

INSTRUÇÕES: Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativamente à sua infância e adolescência. É importante lembrar-se dos comportamentos dos seus pais em relação a si, tal como eles são, até à actualidade. Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao teu caso. Responda separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando para cada questão um X num dos quadros em frente a **Pai**, para avaliar o comportamento do seu pai, e outro num dos quadros em frente a **Mãe**, para avaliar o comportamento da sua mãe.

Por exemplo:		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
Os meus pais eram amáveis comigo.	Pai	☐	X	☐	☐
	Mãe	☐	☐	X	☐
1. Os meus pais são severos ou zangam-se comigo sem me explicarem porquê.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
2. Os meus pais elogiam-me.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
3. Desejo que os meus pais se preocupem menos com o que eu faço.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
4. Os meus pais dão-me mais castigos do que eu mereço.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
5. Quando chego a casa tenho de contar tudo o fiz.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
6. Os meus pais estão a contribuir para que a minha adolescência seja uma época de aprendizagens importantes na minha vida.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
7. Os meus pais criticam-me à frente dos outros.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
8. Os meus pais proibem-me de fazer coisas que aos outros jovens são permitidas por terem medo que me possa acontecer alguma coisa.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
9. Os meus pais incentivavam-me a ser melhor em tudo o que faço.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais fazem-me sentir culpado por os tratar mal.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me possa acontecer é exagerada.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐
12. Se as coisas me correm mal, eu sinto que os meus pais me tentam confortar e encorajar.	Pai	☐	☐	☐	☐
	Mãe	☐	☐	☐	☐

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
13. Eu sou tratado(a) como a "ovelha ranhosa" ou como o "bode expiatório" da família.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
14. Os meus pais mostram com gestos e palavras que gostam de mim.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
15. Eu sinto que os meus pais gostam mais do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) do que de mim.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
16. Os meus pais fazem-me sentir vergonha de mim mesmo.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
17. Os meus pais não se preocupam muito com as minhas saídas.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
18. Sentia que os meus pais interferem com tudo aquilo que eu faço.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
19. Sinto que há temura entre mim e os meus pais.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
20. Os meus pais estipulam limites sobre o que me é e não é permitido fazer, que seguem rigorosamente.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
21. Os meus pais castigam-me mesmo por pequenos erros.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
22. Os meus pais é que decidem como eu me devo vestir ou parecer.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐
23. Eu sinto que os meus pais ficam orgulhosos quando eu sou bem-sucedido(a) em qualquer coisa na qual me tenha empenhado.	Pai Mãe	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐	☐ ☐

Anexo E -Questionário de A-E de Rosenberg

A-E de Rosenberg

(Rosenberg, 1965; Adaptado por Santos & Maia, 1999)

Este questionário é constituído por várias afirmações que se relacionam com o modo como cada pessoa se vê a si própria. Escolhe qual o teu grau de acordo ou desacordo de cada afirmação, assinalando com uma círculo a opção de resposta que melhor te descreve.

1	2	3	4	5
Discordo	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo
totalmente				totalmente

1. Acho que sou uma pessoa digna de estima, pelo menos a mesma que os demais

(1) (2) (3) (4) (5)

2. Tenho tendência a sentir que sou um(a) fracassado(a) em tudo

(1) (2) (3) (4) (5)

3. Acho que tenho muitas qualidades boas

(1) (2) (3) (4) (5)

4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem, como a maioria das outras pessoas

(1) (2) (3) (4) (5)

5. Acho que não tenho muitos motivos para me orgulhar de mim mesma/o

(1) (2) (3) (4) (5)

6. Tenho uma atitude positiva perante mim mesma/o

(1) (2) (3) (4) (5)

7. No geral estou satisfeita/o comigo mesma/o

(1) (2) (3) (4) (5)

8. Gostaria de ter mais respeito por mim mesma/o

(1) (2) (3) (4) (5)

9. Às vezes sinto-me realmente uma pessoa inútil

(1) (2) (3) (4) (5)

10. Às vezes penso que não sou grande coisa

(1) (2) (3) (4) (5)

Anexo F -Escala de Autoeficácia Geral

General Self-Efficacy (GSE)

Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1995)

Versão Portuguesa: Escala de Auto-Eficácia Geral

Miguel Araújo & Octávio Moura (2011)

Tendo em consideração as quatro alternativas de resposta, responda a cada afirmação assinalando com uma cruz (X) a resposta que melhor exprime a forma como lida com as situações:

- ① — De modo nenhum é verdade. ② — Dificilmente é verdade.
③ — Moderadamente verdade. ④ — Exactamente verdade.

1	Consigo resolver sempre os problemas difíceis se for persistente.	①	②	③	④
2	Se alguém se opuser, consigo encontrar os meios e as formas de alcançar o que quero.	①	②	③	④
3	Para mim é fácil agarrar-me às minhas intenções e atingir os meus objectivos.	①	②	③	④
4	Estou confiante que poderia lidar eficientemente com acontecimentos inesperados.	①	②	③	④
5	Graças aos meus recursos, sei como lidar com situações imprevistas.	①	②	③	④
6	Consigo resolver a maioria dos problemas se investir o esforço necessário.	①	②	③	④
7	Perante dificuldades consigo manter a calma porque confio nas minhas capacidades.	①	②	③	④
8	Quando confrontado com um problema, consigo geralmente encontrar várias soluções.	①	②	③	④
9	Se estiver com problemas, consigo geralmente pensar numa solução.	①	②	③	④
10	Consigo geralmente lidar com tudo aquilo que me surge pelo caminho.	①	②	③	④

Referências Bibliográficas da Versão Original e da Versão Portuguesa:

Araújo, M., & Moura, O. (2011). Estrutura factorial da General Self-Efficacy Scale (Escala de Auto-Eficácia Geral) numa amostra de professores Portugueses. *Revista Laboratório de Psicologia*, 9(1), 95-105.

Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1995). Generalized self-efficacy scale. In J. Weinman, S. Wright & M. Johnston (Eds.), *Measures in health psychology: A user's portfolio* (pp. 35-38). Windsor: NFER-Nelson.

Copyright: Esta escala pode ser utilizada para fins de investigação científica desde que sejam feitas as devidas referências aos autores da escala original e da versão portuguesa. A escala pode ser igualmente utilizada na prática clínica.

Contacto: ✉ om@octaviomoura.com 📞 octaviomoura.com

Anexo G – consentimento informado

Octávio Moura <octaviomoura@gmail.com>

seg., 13 de jun. de 2022, 12:27 ☆ 😊 ↩ ⋮

para mim ▾

Bom dia,

Agradeço o contacto.

Tem autorização para aplicar a escala no seu estudo.

A escala e o artigo de validação portuguesa encontra aqui:

<https://octaviomoura.com/wp-content/uploads/docs/research/GSE.pdf>

[https://octaviomoura.com/wp-content/uploads/docs/research/Moura\(2011\)_GSE.pdf](https://octaviomoura.com/wp-content/uploads/docs/research/Moura(2011)_GSE.pdf)

Espero que a GSE seja útil para o seu estudo.

Cumprimentos,

Octávio Moura

Pedro Pechorro <ppechorro@gmail.com>

11 de jan. de 2024, 12:00 ☆ 😊 ↩ ⋮

para mim, Miguel ▾

Bom dia

Pode utilizar a RSES.

Veja o link abaixo para obter esse e outros artigos.

<https://www.researchgate.net/profile/Pedro-Pechorro/research>

Cumprimentos,

pedro pechorro
